

Setembro
Outubro
Novembro
Dezembro
2009

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Setembro
Outubro
Novembro
Dezembro
2009

Na nossa programação podem encontrar-se criadores que o público em geral conhece, ou de que ouviu falar, e outros que são novidade absoluta. Quando apresentamos artistas desconhecidos da maioria das pessoas, o risco de que não queiram vir é maior. Pensamos, todavia, que ao longo dos anos se foi estabelecendo e consolidando uma relação de confiança com o público tal, que muitos acreditam nos nossos critérios, no nosso julgamento e têm curiosidade por novas propostas.

O clarinetista e saxofonista francês Louis Sclavis já tocou várias vezes em Portugal. No nosso primeiro concerto de Setembro, apresenta-se com um projecto novo, com dois músicos americanos superlativos, Craig Taborn e Tom Rainey. O pianista Hank Jones é uma figura lendária do jazz. Um dos últimos grande nomes da geração bebop, mantém-se em intensa actividade, apesar dos seus 91 anos. É com muito orgulho que, em colaboração com o Guimarães Jazz, o vamos ter no nosso Auditório com o seu jovem trio. António Pinho Vargas é dos mais populares músicos de jazz portugueses, que tem uma relação estreita com a Culturgest desde há anos, enquanto *Jazzman* e enquanto compositor de música erudita. Por altura do lançamento do seu duplo CD *Solo II*, fará um concerto em que visita, em versões para piano, temas escritos ao longo de cerca de trinta anos de actividade musical. Henri Texier, contrabaixista francês, grande figura do jazz europeu, apresenta-se com o seu sexteto La Strada. Que saibamos, é a terceira vez que este grupo vem a Portugal, sempre com enorme êxito. A OrchestrUtopica

é, de há uns tempos, visita regular da Culturgest. Os programas que interpreta são sempre muito bem construídos e fazem-nos descobrir novas músicas do nosso tempo.

Clara Andermatt, embora seja a primeira vez que se apresenta na Culturgest e a primeira vez que cria e interpreta um solo, é uma das mais afamadas coreógrafas nacionais. A dupla Montalvo/Hervieu já vem a Lisboa e à Culturgest há anos, sempre com espectáculos jubilatários, com uma utilização singularíssima e deslumbrante do vídeo e da combinação de vários estilos de dança. Volta agora com mais um espectáculo maravilhoso, em torno das canções de Gershwin. Quem já conhece, sabe do que falamos; quem não conhece, venha assistir, sairá em estado de graça.

Cristina Carvalhal, de que as pessoas se lembrarão enquanto atriz de televisão, é uma encenadora com imenso talento. Para um magnífico elenco de actores, alguns deles também com presença frequente em televisão, encena *A Orelha de Deus*, uma peça de uma jovem dramaturga nova-iorquina. O drama da perda de um filho que de alguma forma se transmuta num humor desbragado.

Zoetrope, uma criação conjunta de Rui Horta e dos Micro Audio Waves, volta ao Grande Auditório a propósito do lançamento do DVD do espectáculo que foi filmado no início deste ano na Culturgest.

Falemos agora das criações sobre as quais a maior parte das pessoas terá poucas notícias.

A companhia Vivarium Studio, dirigida por Philippe Quesne, embora já tenha

actuado, com muito êxito, por toda a Europa, pelos EUA ou pela América Latina, nunca veio a Portugal. Dela vamos apresentar dois espectáculos que achamos não podem deixar de ser vistos em Lisboa: *O Efeito de Serge* e *A Melancolia dos dragões*. É um teatro novo, que nos abre para um outro universo e em que o humor está muito presente.

Ainda no domínio do teatro, outra revelação em Portugal é a vinda da companhia nova-iorquina the TEAM, com o espectáculo *Arquitectar*. Premiada no Festival de Edimburgo de 2008, conta a história de americanos que tentam sobreviver enquanto o mundo debaixo dos seus pés não pára de mudar. “Uma jóia rugosa e complexa que diz muito sobre a nossa civilização dominada pelas imagens nos ecrãs e pela América, e sobre o ponto de crise a que chegou” (Joyce McMillan em *The Scotsman*).

João Costa é um jovem coreógrafo e *performer* sediado no Porto. Apesar do seu trabalho já ter sido apresentado em Inglaterra, Turquia, França, Espanha, Eslováquia, Itália, é para muita gente um desconhecido. Um dos seus campos de interesse é a relação entre a arte e a ciência. O solo que nos traz, *Anticorpo*, explora essa relação. Gustavo Ciríaco, salvo erro, só apresentou um trabalho seu em Lisboa, no festival alcantara, em 2006. A coreografia que vamos poder ver é uma nova criação que estreou no Brasil no princípio do ano. Público e artistas estão no palco. A lotação é, por isso, muito reduzida.

Voltando à música e a artistas que dirão pouco à generalidade do público, para além dos que se incluem no ciclo “Isto é jazz?”, do grupo Musica

Electronica Viva que a Granal nos traz, dos três concertos que se realizam na Galeria de exposições do Porto, chamamos a atenção para o grupo de flamenco Son de la Frontera, um dos mais interessantes na renovação desta arte, e para o artista multifacetado Gonzales, com o seu espectáculo *Solo Piano*, uma mistura de *showman* à antiga com um recital de piano surreal com um sentido de humor irresistível. O humor, já terá percebido, está presente em várias das criações que vamos apresentar.

Outubro é o mês do doclisboa, “um dos melhores festivais de documentário do mundo”. Não precisamos de acrescentar mais nada.

Como em anos anteriores, e ainda no domínio do cinema, poderemos ver uma selecção de filmes premiados no Cinanima e o ciclo de cinema de animação e documental japonês, Nippon Koma.

Até Setembro prosseguem as exposições imperdíveis de Dan van Golden, de Ana Jotta e de Francisco Tropa. Em Novembro inauguram-se as de António Olaio, a mais extensa até hoje realizada pelo artista e que estabelece um contraponto entre o seu trabalho em vídeo e a sua pintura, e a da dupla belga Jos de Gruyter e Harald Thys. O vídeo é um dos meios que mais utilizam e o humor, um humor absurdo e derrisório, é um ingrediente constante no seu trabalho. Na Galeria do Porto, a seguir à exposição de Bruno Pacheco, vamos ter trabalhos de Batia Suter, uma artista suíça que participou na exposição fundamental que apresentámos em Lisboa em 2006 em torno do projecto Roma Publications.

Esperamos que sejam seduzidos por algumas destas propostas.

Louis Sclavis, Craig Taborn, Tom Rainey

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

Clarinetes, saxofone soprano Louis Sclavis

Piano e electrónica Craig Taborn

Bateria Tom Rainey

Tal como vem fazendo o seu conterrâneo Michel Portal nas colaborações que tem estabelecido com músicos norte-americanos, o clarinetista e saxofonista francês Louis Sclavis apresenta neste trio, com duas das maiores figuras da cena nova-iorquina nos seus respectivos instrumentos – Craig Taborn (piano) e Tom Rainey (bateria) –, uma fórmula que o aproxima mais das raízes da música que vem tocando, o jazz. “Estou aberto às pessoas, ao que são e ao que me propõem; o que me interessa são

os encontros”, teve já ocasião de dizer em entrevista. Este sentido de abertura é a principal característica de Sclavis desde os tempos do grupo Workshop de Lyon (1981) e tem-se manifestado de diversas formas, sendo uma das mais notáveis o projecto *Napole's Walls* (2003). A presente formação é outra que se soma, e com o forte apelo de ser totalmente inédita.

Taborn é um dos mais interessantes pianistas da nova geração, com rodagem feita junto de nomes de topo como Dave Douglas, Tim Berne ou James Carter. Assumindo a tradição por inteiro, as suas perspectivas estão conscientes das tendências do presente (“encontro ligações entre todas as músicas que oiço, hip-hop, punk, metal, techno, jazz e música contemporânea”, disse) e apontam para o futuro, razão pela qual,

Louis Sclavis © Christophe Alary



Craig Taborn © Walter



Tom Rainey © Sean Fitzell



de resto, utiliza igualmente os teclados electrónicos. Imaginativo e descomplexado, tanto assim que abraça por igual o *mainstream* e a vanguarda, é um músico de raros refinamentos e mesmo um estilista.

Rainey é também um esteta da percussão, cobrindo um largo espectro que vai da atenção ao som propriamente dito, ao estabelecimento de métricas e pulsações mais invulgares, passando pela criação de texturas. Com um grande sentido de oportunidade e invenção, faz maravilhas com um par de baquetas. Motivos mais do que suficientes para percebermos que estamos perante um supertrio.

French clarinetist and saxophonist Louis Sclavis joins up with two of New York's leading musicians, Craig Taborn (piano)

and Tom Rainey (drums), bringing him closer to the roots of jazz. The current combo is an example of Sclavis's openness to other musicians. Taborn is an extremely interesting pianist who has played with Dave Douglas, Tim Berne and James Carter. He covers traditional and current trends (“I find links between all of the music I hear”). He is an imaginative stylist who covers both mainstream and avant-garde. Rainey's percussive aestheticism ranges from his attention to sound to the laying down of unusual beats and creating textures. He is opportunistic, inventive, and performs marvels.

TRANSFRONTEIRAS em interacção com a obra visual de Luís Campos

Pela OrchestrUtopica

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO

21h30 Duração: 1h00 · M12

€10 · Jovens até aos 30 anos: €5

Este concerto não tem lugares sentados
Programa a anunciar

Interacções: para lá das fronteiras

A OrchestrUtopica dedica a programação da próxima temporada à ideia de interacção. Sem dúvida uma das grandes tendências das artes e da música contemporâneas, a interacção é hoje potenciada pela emergência das plataformas digitais: cruzamentos e ligações mais puras ou mais impuras, experiências de contaminação, de explosão de limites e de fronteiras entre artes, revelação de correspondências, de interpenetrações de linguagens e de artes. Experiências

que correspondem, afinal, a interrogações sobre o futuro.

Transfronteiras é uma proposta de concerto visual em que a OrchestrUtopica continua a questionar as limitações do formato dominante da recepção musical (o concerto) e a explorar novas possibilidades. A famosa ideia das correspondências de Baudelaire enunciada no século XIX não é estranha aos conceitos de convergência e integração que a história das artes desde aí não cessou de revelar – com epifenómenos historicamente conhecidos (Wagner, Cocteau, entre outros). As artes visuais neste campo têm revelado uma grande agilidade e, por isso, este concerto propõe esse encontro: entre a obra

Transurbana de Luís Campos



e o mundo imagético do artista Luís Campos e a música contemporânea, num acontecimento único.

OrchestrUtopica's coming season is dedicated to interaction – a leading movement in contemporary arts and music. Digital platforms have enhanced the trend: purer or less pure crossovers, contamination experiments, exploring the borderline between arts, and the interpenetration of artistic forms languages.

Transfronteiras is a visual concert in which OrchestrUtopica questions the limitations of the dominant format for presenting music: the concert. Such artistic convergence and integration echo Baudelaire's correspondence theory.

The visual arts have proved to be especially flexible, and this concert combines the image-based world of artist Luís Campos with contemporary music.

Lau Nau

Ciclo de concertos comissariado por filho único

CULTURGEST PORTO · 22h00

Dur. aprox. 1h00 · M12 · €5 (preço único)

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto – Galeria, na Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo, até à hora de início do mesmo.

Voz, guitarra acústica, objectos vários Lau Nau

Laura Naukarinen é uma cantora e compositora finlandesa que iniciou a sua produção artística no início desta década. De imediato se evidenciou na fértil comunidade de criação independente do seu país.

Lau Nau faz parte de uma geração de músicos que alia um profundo

conhecimento das tradições populares e folclóricas locais, com a cultura rock – particularmente nos seus domínios mais psicadélicos. Colabora com outros notáveis artistas, dos Avarus aos Kemialliset Ystävät de Jan Andrezen. As suas parcerias com estes projectos assentes numa leitura tribalista de tradições da folk local, empregam o som de uma forma pré e pós-musical, valorizando o intuito e a acção mais do que uma noção técnica de musicalidade. Essa transversalidade na leitura das possibilidades da expressão sonora, informou de maneira profunda a leitura que Lau Nau faz sobre a ausência de limites de que a sua música pode usufruir.

A sua obra individual, com dois álbuns editados pelo selo norte-americano Locust Music, ocupa um espaço muito particular no *songwriting* ocidental



actual. As suas composições assentam em progressões simples de acordes, enriquecidas por uma noção orquestral muito particular, articulando várias instrumentações acústicas e electrónicas de baixo custo e outros objectos para-musicais.

Imersa num universo extremamente delicado, produz música com uma doçura rude. A forma como deixa espaços em aberto, como não sente a necessidade de tirar a beleza real dos traços mais crus das suas palavras e arranjos, vão-lhe dando, em crescendo, uma credibilidade estética e emocional excepcional no mundo da canção contemporânea.

Laura Naukarinen is a Finnish singer-songwriter who launched her career at the start of this decade. She comes from

a generation of musicians who combine great knowledge of folk and local traditions with rock, especially psychedelic rock. She and her project partners use sound in a pre- and post-musical way, using intuition and action more than technical musicianship, resulting in a form of music with no limits.

Her solo work – two CDs – occupies a special place in present-day Western songwriting: simple chord progressions, enriched by a very individual orchestral feel combining acoustic and electronic instruments and semi-musical objects.

Her music has a raw sweetness and is extremely emotional.

Son de la Frontera

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

'Baile e Compás' Pepe Torres

'Cante e Compás' Moi de Morón

Guitarra Flamenca Paco de Amparo

'Compás e Baile' Manuel Flores

Guitarra Keko Baldomero

Son de la Frontera é um grupo flamenco formado por jovens herdeiros e seguidores do grande mestre Diego del Gastor, de Morón de la Frontera, Sevilha. Dois dos membros do grupo são sobrinhos-netos do Mestre que, apesar de nunca ter gravado um disco, foi um dos mais inovadores guitarristas de flamenco.

Son de la Frontera aprofunda o flamenco de Morón, o legado de Gastor,

introduzindo-lhe influências latino-americanas, do Norte de África e do Médio Oriente, revelando-se um dos grupos mais inovadores do flamenco contemporâneo.

Formado em 2003, o seu primeiro disco *Son de la Frontera* (2004), obteve reconhecimento unânime da crítica especializada e do público aficionado, recebendo vários prémios, entre os quais Flamenco Hoy 2004, concedido pela crítica especializada, na categoria de Melhor Disco Flamenco Instrumental. O segundo álbum, *Ca!* (2006), valeu-lhes a nomeação para o Grammy Latino 2007 como Melhor Grupo de Flamenco e o BBC Radio 3 Award for World Music na categoria de Melhor Grupo Europeu.

Nestes seis anos de carreira, o grupo já se apresentou por toda a Espanha,

© Mario Pacheco



pelos melhores festivais de flamenco e de música do mundo, Estados Unidos, América do Sul e Europa.

Formado apenas por homens, que se conhecem há anos e que fizeram parte da banda que acompanhava a cantora Martirio, o grupo inclui dois guitarristas e três percussionistas (isto é, encargues do *compás*, a marcação dos vários ritmos através das palmas, tão peculiar no flamenco), dos quais dois são também *bailaores* e um *cantaor*. Os seus espectáculos são sempre recebidos com grande entusiasmo pelo público.

Son de la Frontera is a flamenco group formed by young heirs and followers of the great Diego del Gastor. Gastor never recorded, but he was one of flamenco's most innovative guitarists. The group

takes his legacy further by adding Latin-American, North African and Middle-Eastern influences.

The group's first CD was unanimously hailed by critics and the public, and garnered several awards, including Flamenco Hoy 2004 for best instrumental flamenco CD. Their second, *Ca!* (2006), gained a Latino Grammy nomination and the BBC Radio 3 Award for World Music for best European group.

The all-male group has two guitarists and three percussionists who clap the rhythm, two of whom are also dancers and one a vocalist.

Comunidade de Leitores

Confrontos, Guerras, Escaramuças Por Helena Vasconcelos

SALA 6 · 18h30

Inscrições até 18 de Setembro (limite 40 pessoas) na bilheteira da Culturgest, pelo telf. 21 7905155, pelo fax 21 7905154 ou pelo e-mail culturgest.bilheteira@cgd.pt

24 Setembro A Costa dos Murmúrios

Lídia Jorge, Ed. Dom Quixote

8 Outubro A Obra ao Negro

Marguerite Yourcenar, Ed. Dom Quixote

29 Outubro Lillias Fraser

Hélia Correia, Ed. Relógio D'Água

19 Novembro Love

Toni Morrison, Ed. Dom Quixote

3 Dezembro Corpo Presente

Anne Enright, Ed. Gradiva

17 Dezembro O Mar

John Banville, Ed. Asa

Só os insensatos preferem a guerra; em tempo de paz, os filhos enterram os pais; em tempo de guerra, os pais enterram os filhos. Heródoto

Vivemos em guerras permanentes, verdadeiras e falsas, grandes e pequenas; entre países, raças, culturas, no seio de comunidades, de associações, de famílias. Lutamos contra os elementos, contra as políticas, contra a pobreza, contra a riqueza, contra quem amamos, contra quem odiamos e contra nós próprios. Nesta Comunidade iremos reflectir sobre as várias faces da Guerra ou, melhor ainda, sobre a Face das várias guerras, começando por aquela que nos é sugerida pela leitura de *A Costa dos Murmúrios*. Este é um dos três romances que abarcam um tempo “histórico” e que ocuparão a primeira metade desta Comunidade. Aqui, trata-se da Guerra Colonial que funciona como um cenário, uma respiração, uma espécie de doença que a todos aflige, embora de maneiras diversas. No entanto, o que verdadeiramente se passa está relacionado com confrontos entre géneros, com a

subordinação sexual, as lutas de raças e de ideologias, as escaramuças contra o poder patriarcal e colonial. Acontece sempre algo semelhante em tempos perturbados por grandes mudanças, como em *A Obra ao Negro*, onde Zenão, médico e alquimista do século XVI, luta pela liberdade da acção e do pensamento, na passagem da Idade Média para o Renascimento. E, no século XVIII, Lillias Fraser, a menina dos olhos dourados e poderes sobrenaturais, escapa da Escócia para Portugal depois da mortífera batalha de Culloden.

Das Guerras públicas passaremos para as privadas em *Love*, onde uma luta implacável é travada entre duas mulheres por causa de um homem, Bill Cosbey, que já está morto no início da história. Christine, a neta, e Heed, a viúva, não admitem tréguas, apesar de serem da mesma idade, viverem debaixo do mesmo tecto e terem sido amigas na juventude.

Em *Corpo Presente*, conta-se a velha história das batalhas familiares. Desta feita, trata-se da dos Hegarty, os irlandeses com olhos de um azul intenso e alucinado, dados ao alcoolismo, ao humor negro e à tendência para a autodestruição. Há um corpo a enterrar tal como em *O Mar*, um romance sobre a luta contra o esquecimento, na memória eternamente incandescente de Max Morden, o homem que foi menino e salvo pela família Grace.

Em última instância, todas as lutas são contra a morte, embora se morra sempre (e se mate), lutando.

Helena Vasconcelos, Agosto de 2009

There are wars between countries, races, cultures, and within communities and families. At this event we will look at the

many faces of war. The first half involves three “historical” novels. In *A Costa dos Murmúrios* set during Portugal’s colonial war, there is conflict over sexual subordination, ideological, race and power struggles. In *A Obra ao Negro* a 17th-century doctor fights for freedom of thought. In the 18th century, *Lillias Fraser* flees Scotland for Portugal after Culloden.

As for private wars: in *Love* two women fight over a man who is already dead. *Corpo Presente* covers the battles of a family with a penchant for drink, black humour and self-destruction. And *O Mar* tells of the struggle to remember.

Eugène Delacroix, *Luta de Jacob com o Anjo* (pormenor)



A Orelha de Deus de Jenny Schwartz

Encenação de Cristina Carvalho

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M16

€12 · Jovens até aos 30 anos: €5

Título original *God's Ear* (2007)

Encenação Cristina Carvalho

Tradução Rogério Casanova

Com Cucha Carvalho, Diana Sá, Emílio Gomes, Luísa Cruz, Manuel Wiborg, Pedro Carmo e Sandra Faleiro

Cenário e figurinos Ana Limpinho e Maria João Castelo

Música Sérgio Delgado

Desenho de Luz Nuno Meira

Produção executiva Mafalda Gouveia

Co-produção Culturgest, Teatro Oficina e Causas Comuns

Apoios Arsoft, Hasbro, SATA

E os cães vão deixar de morder.

E as abelhas vão deixar de picar.

E tudo isto há-de acabar.

E tudo o que é bom.

E vamos fazer amor.

À moda antiga.

Com os olhos vendados.

E uma perna às costas.

Esta peça da jovem dramaturga novaiorquina Jenny Schwartz é um (j)acto único composto por palavras que se invocam umas às outras, que se associam livremente contra a vontade de quem as diz, ou apesar das intenções daqueles que as proferem, sem filtros de espécie nenhuma. Uma espécie de pesadelo musical onde a dor, o sentimento de culpa e o processo de negação da realidade que subjaz à perda de um filho se transmutam num humor desbragado.

Há qualquer coisa de infantil e perverso na forma como as personagens, num processo mimético, assumem traços de outras e convivem com figuras imaginárias como a Fada dos Dentes ou um boneco *action-man*.

Os contornos dos lugares e as categorias temporais esbatem-se. Um permanente deslocamento das palavras relativamente às suas significações e emoções subjacentes perturba-nos, obrigando-nos a prosseguir em busca de um sentido ou de um final para a história que nos vai sendo desvendada.

Cristina Carvalho



Uma peça provocadora, aventureira e belissimamente escrita. Edward Albee

Cristina Carvalho trabalha desde 1987 como atriz no teatro, cinema e televisão. Foi co-fundadora da Escola de Mulheres – Oficina de Teatro. Entre os espetáculos que dirigiu, destaca: *De Que Falamos Quando Falamos De Amor* (em parceria com João Vieira), a partir de contos de Carver; *Cosmos*, baseado no romance de Gombrowicz; *Erva Vermelha*, adaptação da novela de Boris Vian; *Libertação* de Lluïsa Cunillé; *Cândido*, baseado na novela de Voltaire; e *Terra Interior*, sobre o universo de Peter Handke.

Cristina Carvalho has been a stage, film and TV actress since 1987. She co-founded Escola de Mulheres and has directed numerous plays.

“This one-act play by young New York dramatist Jenny Schwartz invokes a feeling of free-association, in which words are spoken seemingly against the will of the characters who speak them. It is a musical where pain, guilt and underlying denial over the loss of a son are transformed into unbridled humour.

There is something childish and perverse about the way the characters take on mannerisms of others and interact with imaginary creatures such as the Tooth Fairy or an action figure. Places and time become blurred as we search for an ending and a meaning to the story that unfolds.”

Cristina Carvalho

Anticorpo

De e por João Costa

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO
21h30 Duração aproximada: 45 min · M12
€15 · Jovens até aos 30 anos: €5

Direção, concepção e interpretação João Costa

Desenho de luz Wilma Moutinho

Apoio dramaturgico Micaela Maia

Espaço cénico so.lu **Manipulação sonora** Lupeca

Direção técnica Wilma Moutinho/Francisco

Teles Produção salabranca

Co-produção Culturgest, Balletteatro

Regressando ao tema do corpo, neste trabalho tive vontade de me focalizar no sistema imunitário como aquele que nos permite sobreviver e conviver com outros seres que habitam em nós, substâncias, corpos estranhos que nos invadem.

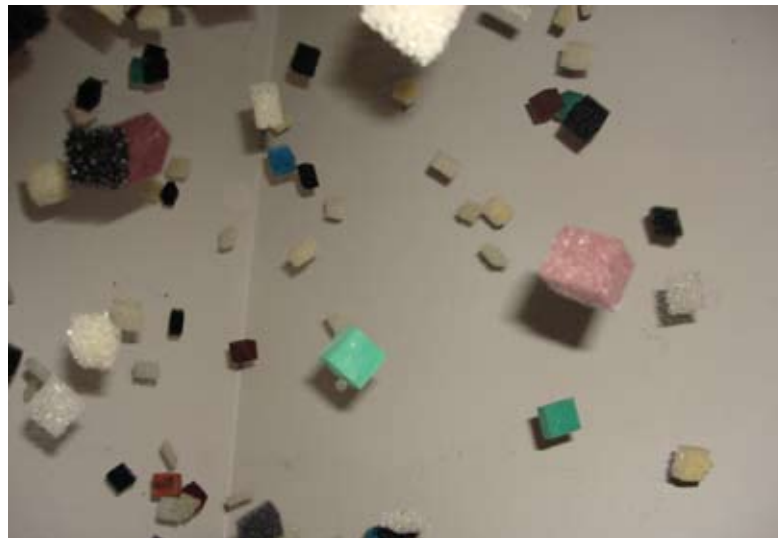
Este sistema é extremamente complexo, constituído por um conjunto de pequenas células e proteínas especializadas, contribuindo todas para uma harmonia coreográfica que se vai escrevendo no espaço interior do corpo, invisível a olho nu.

Ao ser perturbada essa harmonia acontecem pequenos desequilíbrios e

imediatamente o sistema reage para que no máximo da velocidade se restabeleça o equilíbrio inicial. Em todo este processo determinadas células conservam a memória do acontecimento e irão no futuro reconhecer o invasor. A memória existe nestas células tal como na consciência de cada um de nós.

João Costa

Coreógrafo e *performer* particularmente interessado em estabelecer relações entre a arte e a ciência, João Costa, 30 anos, de que a Culturgest tem o prazer de co-produzir e apresentar esta nova criação, é natural de Espinho, iniciou os seus estudos em dança com Conchita Ramirez, fez o Curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum Dança, participou nas Réperages Danse à Lille 02, realizadas no Balletteatro Porto, e no Capitals – Encontros Acarte 2003 no qual apresentou o solo *Meeting Room*. Foi intérprete de trabalhos de Né Barros, Isabel Barros, Nigel Charnock, Joclécio Azevedo, Alberto Magno, Ana Figueira, Pedro Carvalho, Mathilde Monnier, Rui Horta, Javier de Frutos,



Jamie Watton, Jaro Vinarsky, Peter Bebjack, Juraj Korec, Vera Mantero e Bruno Listopad. Foi membro associado do NEC – Núcleo de Experimentação Coreográfica entre 1999 e 2007. Criou, entre outras, as peças *lilly 03* (2003), *Eus* (2004), *peter 05* (2005), *Jo and Jo* (2007) e, mais recentemente, para o Festival da Fábrica, *Simon 06.07.08.09* em Maio de 2009. Representou Portugal na área da dança na Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo – PUGLIA 2008. O seu trabalho tem sido apresentado em Portugal, Inglaterra, Turquia, França, Espanha, Eslováquia e Itália. Em 2003 fundou a salabranca que promove os seus objectos artísticos e apoia o trabalho de outros artistas. Frequenta o Mestrado integrado em Ciências Farmacêuticas da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto.

30-year-old João Costa from Espinho is a choreographer and performer interested in linking art and science. Culturgest is pleased to be co-producing his latest creation.

“In this work I wanted to focus on the immune system, which enables us to survive and live with the other beings that live inside us.

“The system is extremely complex, comprising small specialized proteins and cells, all contributing to a choreographic harmony within the body, invisible to the naked eye.

“When that harmony is disturbed, imbalances occur and the system immediately reacts to re-establish the original balance as quickly as possible. Certain cells remember the event and in future will recognize the invader.”

João Costa

Henri Texier Strada Sextet

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

Saxofone alto, clarinete alto, clarinete Sébastien Texier
Guitarra Manu Codjia **Contrabaixo** Henri Texier
Bateria Christophe Marguet
Saxofones soprano e barítono François Corneloup
Trombone Gueorgui Kornazov

Henri Texier nasceu em Janeiro de 1945 e descobriu o jazz na adolescência, abandonando o piano para se dedicar ao contrabaixo. Nos clubes parisienses, com 20 anos de idade, tocou com grandes mestres americanos como Bud Powell, Kenny Clarke, Lee Konitz, Dexter Gordon, Art Taylor, Don Cherry, dando início a uma longa e sólida carreira, em que se apresentou com centenas de grupos e de músicos

de primeiro plano como Paul Motion, Joe Lovano, Bob Brookmeyer, Dewey Redman, Kenny Wheeler, Steve Swallow, John Abercrombie, Michel Portal, Aldo Romano, Louis Sclavis, Martial Solal ou Bill Frisell. Explorou novos caminhos, estudou *oud* e percussão, cruzou o jazz com outras linguagens musicais, de África ou da Índia. A partir da década de 1990, agrupou à sua volta vários músicos jovens em diversas formações.

Compôs e tocou música para cinema, televisão, teatro, dança, poesia, circo, artes plásticas, fotografia. Deu muitas centenas de concertos na Europa, nas Américas, em África, no Médio Oriente, em Hong Kong ou no Japão, participou nos mais conceituados festivais de jazz do mundo, gravou mais de cem discos, dos quais cerca de vinte como líder ou a solo.



Com o Sexteto La Strada gravou, em 2002, *Alerte à l'eau* e, em 2005, *(V)ivre*, ambos para a etiqueta Label Bleu.

O Sexteto apresentou-se em Portugal em 2006 no Festival de Portalegre e em 2007 no Jazz no Parque em Serralves. O concerto de 2006 foi por vários críticos considerado o concerto do ano. La Strada, que reúne seis músicos excepcionalmente talentosos e criativos, toca um jazz que vai do que se pode chamar de "tradicional", passando por influências africanas ou pelo *free*, em combinações várias (solos, duos, quartetos, etc.). Um concerto que se adivinha como memorável.

Henri Texier was born in 1945. He abandoned piano to focus on double bass. At the age of 20 he was playing in Parisian clubs with American greats

such as Bud Powell, Kenny Clarke, Lee Konitz, Dexter Gordon, Art Taylor and Don Cherry. During a long career he has played with the likes of Paul Motion, Joe Lovano, Bob Brookmeyer, Dewey Redman, Kenny Wheeler, Steve Swallow, John Abercrombie, Michel Portal, Aldo Romano, Louis Sclavis, Martial Solal and Bill Frisell.

He has composed and played for film, TV, theatre, dance and other arts, and has performed worldwide, appearing on over 100 records. The music of his sextet ranges from "traditional" to jazz with African influences and free jazz. Expect a memorable concert.

TEATRO OUTUBRO SEG 5, TER 6

L'Effet de Serge

O Efeito de Serge

Um espectáculo de
Philippe Quesne/Vivarium Studio

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO

21h30 Duração: 1h15 - M12

€15 · Jovens até aos 30 anos: €5

Espectáculo em francês (com tradução parcial) e português

Concepção, encenação e cenografia Philippe Quesne
Com Gaëtan Vourc'h, Isabelle Angotti, Rodolphe Auté e Hermès, Zinn Atmane e alguns convidados **Produtora** Anaïs Rebelle
Produção Vivarium Studio 2007

Co-produção Ménagerie de Verre, no quadro das residências **Apoio** Forum scène conventionnée de Blanc-Mesnil, Festival actOral montévideo e Culturesfrance Vivarium Studio é uma companhia convencional da DRAC Île-de-France

No seu apartamento, Serge apresenta todos os domingos aos seus amigos espectáculos mínimos a partir de efeitos especiais. Criado para o actor Gaëtan Vourc'h, *L'Effet de Serge* interroga a forma do solo através da representação

dentro da representação. Tabiques de gesso, uma porta-janela que dá para um jardimzinho, um bocado de alcatifa, TV, aparelhagem e mesa de pingue-pongue são os elementos de cenário reciclados de espectáculos anteriores: aliás, as produções do Vivarium Studio começam normalmente pelo final do espectáculo anterior, e é por isso que Gaëtan entra vestido de cosmonauta...

Em 2003 fundei a associação Vivarium Studio afim de conceber e encenar as minhas próprias criações e interrogar o teatro como arte de *assemblage*, uma arte heterogénea. O meu primeiro espectáculo, *La Démangeaison des ailes*, foi inventado com um grupo de trabalho composto por actores, artistas plásticos, um bailarino-músico, um chefe de produção de cinema e um cão. Enriquecida por esta primeira aventura, a experiência prolonga-se faz agora cinco anos com os mesmos colaborado-



res, aos quais se juntam pontualmente convidados ou figurantes (...). Os temas muitas vezes abordados com uma doce ironia são-no através de diferentes tipos de textos (entrevistas, artigos, poemas, canções, listas de palavras) que contribuem para a coerência narrativa cénica e se combinam com outros elementos do teatro (corpos, som, luz, vídeos). (...) Concebo dispositivos cénicos que são tanto cenários quanto oficinas de trabalho, “espaços-viveiros” para estudar microcosmos humanos. (...) A ideia de partida é muitas vezes pretexto para experimentações, do processo de criação à representação, preservando a ambiguidade verdadeiro/falso, real/artificial, ilusão/verdade. A flutuação do que está vivo...

Philippe Quesne
www.vivariumstudio.net

Every Sunday, Serge presents minimal shows to his friends, using special effects... Written for actor Gaëtan Vourc'h, *L'Effet de Serge* interrogates the performance within a performance. Props are recycled from previous shows: Vivarium Studio's productions normally start with the ending of the preceding one, which is why Gaëtan enters dressed as a cosmonaut.

Philippe Quesne founded Vivarium Studio in 2003 to stage his own works. He has now been working with the same team for five years. He creates spaces that are as much sets as they are workshops, “vivaria” to study human microcosms. The works are often a pretext for experimentation, keeping the ambiguous relationship between true and false, real and artificial, and illusion and truth.

La Mélancolie des dragons A Melancolia dos dragões

Um espectáculo de
Philippe Quesne / Vivarium Studio

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO

21h30 Duração: 1h15 · M12

€15 · Jovens até aos 30 anos: €5

Espectáculo em francês, com legendas em português

Concepção, encenação e cenografia Philippe Quesne

Com Isabelle Angotti, Zinn Atmane, Rodolphe Auté e Hermès, Sébastien Jacobs, Émilien Tessier, Tristan Varlot, Gaëtan Vourc'h

Produção Vivarium Studio 2008

Co-produção Wiener Festwochen, Hebbel am Ufer, La rose des vents / Festival Next, Nouveau Théâtre CDN de Besançon e Franche-Comté, Ménagerie de Verre, Le Forum - scène conventionnée de Blanc-Mesnil, Le Carré des Jalles, Festival Perspectives **Apoio à criação** Centre National du Théâtre **Apoio** Região Île-de-France, Parc de la Villette e Culturesfrance Vivarium Studio é uma companhia convencionada da DRAC Île-de-France

A atitude melancólica não pode entender-se também ela como um distanciamento da consciência face ao desencanto do mundo?

Jean Starobinski

Um carro parado na neve com uma banda de hard rock lá dentro, uma amiga que chega para os ajudar e um parque de atracções portátil que o grupo aproveita para mostrar - a ela e a nós.

O que Philippe Quesne, na linha dos seus espectáculos anteriores, explora é o facto de dramaticamente não haver nada em jogo. Entre as personagens, nem tensões, nem rivalidades, nem invejas, nada do que é suposto fazer uma intriga. Em suma, um antiteatro. Que recusa a distância, e portanto o julgamento. Nem ridículos, nem odiosos, nem sedutores, nem estúpidos, nem



inteligentes, desprovidos de psicologia e mesmo de afecto, as suas personagens são no entanto incrivelmente humanas. (...) Porque ignora o cinismo, *La Mélancolie des dragons* abre para outro universo, uma espécie de utopia não violenta, atenta às coisas e às pessoas. Num mundo onde tudo tem de ser um acontecimento, Philippe Quesne escolhe a tangente, e isso faz bem.

René Solis

Libération, 21 de Julho de 2008

Nada é grave, mas tudo é sério, nada é útil mas tudo parece absolutamente necessário, tudo é contingente mas sobretudo minuciosamente preparado. Este humor, que surpreenderá mesmo os maiores caras-de-pau, demonstra a extensão das capacidades inventivas e a importância da conquista do inútil nos actores do Vivarium Studio. Todos

os gestos e todas as situações transformam-se assim num espectáculo sobre a amizade.

Antoine de Baecque

A car containing a hard rock band is stuck in the snow. A friend comes to help them, and the band takes the opportunity to show her a portable funfair.

Philippe Quesne's production explores the fact that dramatically there is nothing at stake: no tension, rivalry, envy, or anything supposed to move a plot forward. The characters are neither ridiculous nor hateful, seductive, stupid, or intelligent, but are still incredibly human. By ignoring cynicism, the production is an open door to a kind of non-violent utopia.

The humour will surprise even the most deadpan, showing the inventive skills of the Vivarium Studio actors. It becomes a show about friendship.

doclisboa 2009

VII Festival Internacional de Cinema

GRANDE E PEQUENO AUDITÓRIOS

11h00-23h00

€3,5 · €3 (estudantes)

Preços especiais: voucher de 10 bilhetes e grupos escolares

Filmes legendados em português

Programa disponível a partir de 1 de Outubro

O doclisboa é um dos melhores festivais de documentário do mundo.
James Norton, *Vertigo*

O doclisboa tem essa indefinível atmosfera que tantos festivais internacionais lutam por conseguir.

Tue Steen Müller, *Dox Documentary Film Magazine*

Todos os anos, o doclisboa apresenta em antestreia os melhores documentários da última temporada. Com uma programação rica e diversificada, o doclisboa é também um dos festivais de documentário com maior audiência na Europa.

Este ano, além dos pilares do festival (Competição Internacional, Competição Nacional, Investigações, Riscos e Ensaios), o programa inclui três destaques imperdíveis: a secção temática Love Stories, a homenagem a Jonas Mekas e um programa especial sobre os Balcãs.

Love Stories

As grandes histórias de amor sempre marcaram a história do cinema. Mas sobretudo no domínio da ficção. Esta programação especialmente criada para o doclisboa 2009 destina-se a revelar histórias de amor únicas, registadas exclusivamente no campo do documentário.

Homenagem a Jonas Mekas

em colaboração com o Museu Reina Sofia Nascido na Lituânia em 1922, Jonas Mekas é considerado o pai do cinema de vanguarda norte americano. São célebres as suas colaborações com Andy Warhol, Alan Ginsberg, John Lennon,

Yoko Ono e Salvador Dali. No doclisboa apresentará uma *masterclass* e discutirá os seus filmes com o público.

Balcãs em Foco

Winston Churchill terá dito que os Balcãs produzem mais história do que aquela que têm capacidade para consumir. Cinismo à parte, talvez esta afirmação se aplique de uma forma consistente aos trágicos acontecimentos que tiveram lugar no território da ex-Jugoslávia, depois da sua desintegração em 1991.

Um estado foi desmembrado e uma nacionalidade devastada para que, no momento actual, sete novos estados e sete novas identidades emergissem. O turbilhão ideológico teve lugar não apenas à porta da (assim chamada) Europa civilizada, mas em frente de muitas câmaras, algumas das quais determinadas a gravarem mais do que observações jornalísticas.

Organized by Apordoc - The Portuguese Documentary Association - doclisboa screens the best contemporary documentaries from the last season.

This year, besides the International and Portuguese competition, the selection includes three fascinating parallel programs: a tribute to Jonas Mekas, a theme section about Love Stories and a special Focus on Balkans.

Tribute to Jonas Mekas

Jonas Mekas is known as the mentor of North American avant-garde cinema. He worked with Andy Warhol, Alan Ginsberg, John Lennon and Yoko Ono, among other personalities. He will give a masterclass at doclisboa and he will discuss his films with the audience.



Love Stories

Love stories have always been a must of the cinema history, but mostly in fiction. This special program intends to reveal unique love stories registered in documentary.

Focus on Balkans

Winston Churchill is believed to remark that the Balkans produce more history than they can consume. Cynicism aside, this statement perhaps most accurately applies to the tragic events that took place on the territory of ex-Yugoslavia after the breakup in 1991.

One state was disintegrated, one national identity devastated, in order for, in the current, moment, seven new states, seven new identities to emerge. The ideological whirlwind took place not only on the threshold of the so-called "civilized Europe", but in front of many cameras, some determined to record more than just journalistic observations.

Ghédalia Tazartès apresenta 'Reines d'Angleterre'

Ciclo de concertos
comissariado por filho único

CULTURGEST PORTO · 22h00

Dur. aprox. 1h00 · M12 · €5 (preço único)

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final desta brochura) e na Culturgest Porto – Galeria, na Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria até 26 de Setembro e no dia do espectáculo, a partir das 19h00, até à hora do início do mesmo.

Voz, acordeão e harmónica Ghédalia Tazartès

Voz e electrónicas Jo T. **Voz, electrónicas e órgão** él-g

Artista francês de origem turca nascido em 1947, Ghédalia Tazartès permanece, ao longo de aproximadamente três décadas de trabalho, uma figura incatálogável no panorama da criação sonora.

Dono de uma obra singular, tem vindo a empregar técnicas semelhantes ao longo do seu percurso, com alterações relativas de meios. Utiliza gravações

de campo cortadas e coladas desde a época da fita, teclados e electrónica para resultados de um grão, estranheza e solenidade que lhe são muito particulares. Com a voz, é ritualisticamente invadido por várias viagens internas, que o levam de um francês real, a um outro inventado, passando por uma série de outras línguas, umas existentes, outras obra dos momentos que decide desenhá-las. Formalmente, será dos trabalhos de exploração das possibilidades da voz, do discurso e do uso pós-concretista da língua mais relevantes das últimas décadas.

Procura tradições que incorpora de forma plástica, espiritualmente personalizada, pegando em heranças – frequentemente com muitos pontos em comum – que atravessam o planeta, buscando o seu conjunto de formas. Mais do que um trabalho de sobreposição de referências e vocabulários, ou até de uma amálgama amadurecida dos mesmos, cria o seu



próprio país de tradições dentro de um outro continente cujo nascimento vai dependendo do seu contributo. Livre de questões de identidade e filiação cultural, livre para ser de uma nova maneira.

Para a actuação desta noite, numa altura da sua carreira que sucede a um longo período sem se apresentar ao vivo, traz o projecto 'Reines d'Angleterre', que dirige com dois artistas sonoros franceses, él-g e Jo Tanz. Tem sido este o foco das movimentações mais recentes de Tazartès, prosseguindo e progredindo no seu trilha e nas suas tradições e articulações, para sempre aparte, num conjunto de decisões que reafirmam, como poucos outros corpos de trabalho na música contemporânea, a importância da revelação da diferença entre cada ser humano.

Ghédalia Tazartès is French but of Turkish origin. For 30-or-so years his creative sounds have been impossible to categorize. He has used similar techniques throughout his career, but the means have changed. Cut and spliced recordings from the days of tape, keyboards, and electronics create a very individual strangeness and solemnity. He also explores the voice's possibilities.

He seeks out traditions that span the planet, which he incorporates in a mature and personal way, creating his own country of traditions free of issues of identity and cultural background: freedom to take a new approach.

Tonight's live show is his *Reines d'Angleterre* project, with two other French artists: él-g and Jo Tanz.

CRASH!

Pela OrchestrUtopica

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h10 · M12

€10 · Jovens até aos 30 anos: €5

OrchestrUtopica **Maestro** René Bosc

Solista a indicar **Video** Jérôme Bosc

Concerto comissariado por Luís Tinoco

Programa

Augusta Read Thomas

Dancing Helix Rituals, 2007

Lee Hyla

Pre-Pulse Suspended, 1984

Luís Tinoco

Spam!, 2009

John Adams

Chamber Symphony, 1992

Frank Zappa

Black Page (partes 1 & 2), 1976

(arr. para ensemble de R. Bosc, 2009)

Choques intercontinentais

Este concerto parte de um desafio lançado ao compositor Luís Tinoco em duas direcções: programar um concerto

genericamente orientado para a música americana e compor uma peça que de algum modo se relacione com uma mesma ideia. Com este projecto (no passado convidámos já Augusto M. Seabra para programar dois dos nossos concertos) prosseguimos um movimento de abertura da OU a propostas cada vez mais inovadoras e de permeabilização a outros olhares, posições e sensibilidades em relação à música dos compositores contemporâneos – a que se seguirão outros convites igualmente neste formato *double bill*.

O resultado deste desafio é um concerto cheio de novidades e pontos de interesse. Para além da estreia de *Spam!* de Luís Tinoco, serão também apresentadas pela primeira vez em Portugal obras de nomes da nova geração americana como Augusta Read Thomas e Lee Hyla ao lado do consagrado John Adams e de Frank Zappa, numa orquestração de René Bosc (que também dirige a OrchestrUtopica).



Crash! é um concerto em que apresentamos propostas musicais com origem num mundo cultural marcante: os EUA. A especificidade americana na música contemporânea decorre do facto de outro olhar dominar as práticas e as atitudes dos compositores. Na pátria do entretenimento e da indústria musical a relação com as instituições e os movimentos musicais é de natureza diversa da europeia. Por mais que os europeus ouçam a nova música americana com alguma reserva, foi no entanto dali que nos chegou Cage, a Pop Art, o minimalismo, o jazz...

Composer Luís Tinoco was given a challenge: to plan a concert embracing American music, and compose an original piece. OrchestrUtopica accepts ever

more innovative suggestions relating to contemporary composers, and this is the first of a series of double bills.

The challenge has produced a novel and fascinating concert. In addition to the first performance of Tinoco's *Spam!*, there will be works by the new American generation, such as Augusta Read Thomas and Lee Hyla, as well as John Adams and Frank Zappa.

Crash! is rooted in the United States. American music is different from European. Although Europeans listen to new American music with reservations, it has given us Cage, Pop Art, minimalism, jazz...

Solo I & II

António Pinho Vargas

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h15 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

O projecto de gravar um disco a solo com grande parte das músicas compostas para os meus grupos de jazz de 1976 a meados dos anos 90 já era antigo. O David Ferreira insistia comigo há vários anos mas por várias razões só em Dezembro de 2007 as gravações no CCB tiveram lugar. Surgiu então um outro problema. Quando pensava que ia gravar um disco, registei, por excesso de entusiasmo, três horas de música(!). A solução encontrada acabou por ser a edição de dois CDs duplos: *Solo* em Julho de 2008 e *Solo II* em Outubro de 2009. Este segundo CD completa o projecto inicial. Neste concerto, que responde também ele a um desafio de Miguel Lobo Antunes, feito há quatro anos, de um concerto a solo na Culturgest, irei talvez concentrar-me mais nas músicas do II volume mas sem perder de vista que a ideia era, e sempre foi, registar num todo um testemunho de cerca de trinta anos de actividade musi-

cal. Depois de doze anos sem gravar e sete sem fazer concertos – o trabalho da composição tem sido felizmente muito – o regresso aos concertos tem-me mostrado que nem tudo foi tão inútil como às vezes parece aos artistas e que continuam a existir tanto uma “intensa afectividade” por parte da abstracção chamada público – que muitas vezes se transforma em pessoas que dão abraços e dizem coisas inesquecíveis – como o prazer físico e mental de tocar piano. António Pinho Vargas, Junho de 2009

António Pinho Vargas é compositor, músico, ensaísta. Licenciado em História, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Actualmente bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, *research fellow* do Departamento de Música da Universidade de Durham e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde prepara um doutoramento em Sociologia da Cultura. Publicou os livros *Sobre Música: ensaios, textos e entrevistas* (Porto, Afrontamento, 2002) e *Cinco*



Conferências sobre a História da Música do Século XX (Lisboa, Culturgest, 2008). Gravou oito discos de jazz como pianista/compositor e quatro discos monográficos. Após doze anos sem gravar, o CD duplo *Solo* obteve uma excelente recepção crítica em 2008 tal como o CD *Graffiti da Numérica/Casa da Música*, ambos incluídos em várias listas dos Discos do Ano. Compôs quatro óperas, uma oratória, nove peças para orquestra, sete obras para ensemble, dezasseis obras de câmara, sete obras para solistas e música para cinco filmes. Podem destacar-se as óperas *Édipo, Tragédia de Saber* (1996) e *Os Dias Levantados* (1998), *Outro Fim* (2008) os quartetos de cordas *Monodia, quasi un Requiem* (1993) e *Movimentos do subsolo* (2008), as obras para orquestra *Acting Out* (1998), *A Impaciência de Mahler* (2000), *Graffiti [just forms]* (2006), *Six Portraits of Pain*, para violoncelo solo eensem-

ble (2005) e *Um Discurso de Thomas Bernhard*, para narrador e orquestra (2007). www.antoniovinhovargas.com

António Pinho Vargas long planned to record a solo CD of songs composed for his jazz groups between 1976 and the mid-1990s, but did not do so until December 2007. With three hours of recorded music he chose to release two double CDs: *Solo* and *Solo II*.

This concert meets a challenge by Miguel Lobo Antunes to perform a solo concert at Culturgest. After 12 years without recording and seven without playing concerts, he is still warmly received by the public. He is a composer, musician, essayist and history graduate; a research fellow at Durham University and a researcher at Coimbra University, where he is preparing for a PhD; and he has published books and recorded 12 CDs. *Solo* was released to critical acclaim in 2008.

Gonzales Solo Piano

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Gonzales (de seu nome verdadeiro Jason Charles Beck) nasceu no Canadá. Começou a tocar piano aos 3 anos e teve uma formação clássica. Na década de 1990 iniciou uma carreira na música pop com uma banda de rock alternativo. Em 1999 mudou-se para Berlim e adoptou o nome artístico de Gonzales. Nomeou-se a si próprio Presidente do *Underground* de Berlim numa conferência de imprensa que ficou célebre. As pessoas pensaram que estava a brincar. Gravou vários álbuns, em torno da música hip-hop, mas com muitas outras influências e todos eles diferentes entre si. De comum, a genialidade do autor.

Tanto aparecia nos clubes nocturnos, como *entertainer*, ou acompanhando filmes mudos ao piano, como surgia nos

Festivais de Verão do circuito pop. Em 2003 mudou-se para Paris, onde reside.

Como produtor, arranjador ou compositor, trabalhou com Daft Punk (célebre dupla francesa de música electrónica), David Bowie, Jane Birkin, os canadianos Feist, Peaches e Mocky, Charles Aznavour e muitos outros.

Em 2004 editou o seu disco com maior sucesso *Solo Piano* que o introduziu “a um público de verdadeiros seres humanos que realmente compram discos” (da biografia do seu site). É um álbum de delicadas peças para piano, comoventes, muito belas, onde se notam as influências de Ravel e Satie, mas também da folk canadiana, ou do jazz americano.

O espectáculo *Solo Piano*, que tem apresentado com enorme sucesso em salas como a Volksbühne e o Hebbel Theatre em Berlim, o Centro Georges Pompidou ou o Royal Festival Hall, é



uma mistura de *showman* à antiga, com um recital de piano surreal, com um sentido de humor irresistível e que suscita a participação do público. Um espectáculo inesquecível.

Entre 17 e 18 de Maio deste ano, Gonzales bateu o record do mais longo recital de sempre. Tocou durante 27 horas 3 minutos e 44 segundos.
www.gonzpiration.com

Canada's Gonzales (Jason Charles Beck) was taught classical piano from the age of three. His career began with an alternative rock band, before he moved to Berlin in 1999. He recorded several CDs blending hip-hop with a range of other influences. In 2003 he moved to his current home, Paris.

As producer, arranger and composer he has worked with Daft Punk, David Bowie, Jane Birkin, Charles Aznavour and many others. His own biggest success was 2004's delicate and moving *Solo Piano*.

His *Solo Piano*, which has been a huge success in such halls as the Volksbühne and the Hebbel Theatre in Berlin, the Pompidou Centre and Royal Festival Hall, is a blend of showmanship and surreal piano recital, and is irresistibly funny.

Sten Sandell Trio

Ciclo ISTO É JAZZ?
Comissário: Pedro Costa

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12 · €5 (preço único)

Piano, voz e electrónicas Sten Sandell

Contrabaixo Johan Berthling

Bateria Paal Nilssen-Love

“Polytonalrytmic totalmusic” é como se pode definir a música do Sten Sandell Trio, ensemble que tem vindo a encantar a Europa desde 1999.

A dobrar dez anos de existência, este trio que inclui dois músicos suecos, Sten Sandell e Johan Berthling, e um noruegês, Paal Nilssen-Love, é justamente reconhecido como um dos mais importantes trios de piano do moderno jazz europeu, responsável por uma abordagem revolucionária desta clássica formação do jazz.

A música do trio acenta nos cânones da música improvisada europeia mas detaca-se pela sua profundidade e não pelo volume de som. É uma música de pormenor e exploração e um feliz e delicado convívio entre o acústico e a electrónica.

Com três discos editados, *Standing Wave* (Sofa, 2001), *Flat Iron* (Sofa, 2004) e *Oval* (Intakt, 2007), o Sten Sandell Trio está longe de esgotar as suas capacidades criativas. Prova disso são as gravações com o saxofonista John Butcher, *Strokes* (Clean Feed, 2007) e *The Godforgottens* (Clean Feed, 2009) com Magnus Broo no trompete.

Sten Sandell, de Estocolmo, colabora habitualmente com o grupo Gush, Mats Gustafsson, Evan Parker e Low Dynamic Orchestra, para além de ser muito solicitado para concertos a solo. A sua forma de tocar é inspirada em Cecil Taylor e influenciada pela música contemporânea designadamente por compositores como Morton Feldman e John Cage. Toca música improvisada há 25 anos nos maiores festivais em toda a Europa e EUA.

Johan Bertling, também de Estocolmo, tornou-se um dos mais importantes contrabaixistas da música improvisada sueca dos últimos anos onde se apresenta regularmente com Raymond Strid, Fredrik Ljungkvist e



David Stackenäs e com os grupos TAPE, LSB, Folke e Göran Kaifes. Influenciado por William Parker, Berthling é um contrabaixista poderoso e muito seguro. Dirige também a editora Håpna.

Paal Nilssen-Love, de Oslo, é considerado por muitos o mais importante baterista europeu dos últimos anos e um revolucionário da bateria como há muito não se via. Com pouco mais de 30 anos de idade, Nilssen-Love tem uma carreira ao mais alto nível há mais de dez, tocando e gravando intensamente ao lado de músicos como Frode Gjerstad, Mats Gustafsson, Håkon Kornstad ou Joe McPhee e integra os grupos The Thing, School Days, Atomic, 4 Corners. Lendárias são já as suas aparições ao lado do saxofonista Ken Vandermark.

The Sten Sandell Trio's music might be defined as “polytonalrytmic totalmusic”. Sten Sandell and Johan Berthling from Sweden, and Norway's Paal Nilssen-Love, are one of European jazz's top trios.

Their music is improvisation-based, but combines acoustic and electronic.

The have released three CDs, *Standing Wave* (2001), *Flat Iron* (2004) and *Oval* (2007), and recorded with saxophonist John Butcher on *Strokes* (2007) and with Magnus Broo on trumpet on *The Godforgottens* (2009).

Sandell regularly works with others, and is in demand for solo concerts. Berthling is one of Sweden's leading improvisation bassists. And Nilssen-Love is seen as one of the most important European drummers of recent years.

Zoetrope

Rui Horta/Micro Audio Waves

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h15 · M12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

Concepção cénica, direcção artística, desenho de luz e multimédia Rui Horta Música original Micro Audio Waves Realização e edição vídeo Edgar Alberto Motion graphics Guilherme Martins Programação multimédia Rui Madeira Figurins Ricardo Preto Interpretação Micro Audio Waves: Cláudia Efe, voz; C.Morg, programações, teclados; Flak, guitarra, teclados, programações + Francisco Rebelo, baixo, programações Direcção técnica e operação de vídeo Luís Bombico Operação de luz Paulo Alfaice Operação de som Filipe Lourenço Roadie Hugo Santo Co-produtores Culturgest, Lisboa; Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo; Laboral Escena, Gijon; Teatro Nacional São João, Porto; Teatro Virgínia, Torres Novas Apoio Embaixada de Portugal em Moscovo, Instituto Camões Apoio logístico Europcar, Moraudio Produção executiva Lado B

Após um ano intenso de espectáculos, com lotações esgotadas em Portugal e no estrangeiro e o aplauso unânime de espectadores e jornalistas, *Zoetrope* regressa ao palco da Culturgest onde foi feita a gravação do DVD que é agora apresentado.

Zoetrope é um espectáculo total que pode ser visto como uma *performance* multimédia, como um concerto encenado ou como uma produção coreográfica. Tanto faz, fica mesmo ao critério de cada um. Porque na era das confusões categoriais importa pouco ficarmos limitados pelas definições. Uma banda de pop electrónica quis desafiar-se e fazer um projecto diferente, sendo dirigida por um coreógrafo, que trabalha com vídeo e multimédia.

Quantos *frames* por segundo? Este espectáculo trabalha com percepções e baralha-nos propositadamente: a ilusão retiniana descoberta por Muybridge (1830-1904) e montada num brinquedo chamado Zoetrope é o ponto de partida para uma viagem acelerada por ambiências espaciais, realidades alternativas, fantasias equestres e um compêndio de história da tecnologia. Porque na arqueologia do multimédia está a imagem animada, e porque hoje já não vivemos sem extensões do olhar, próteses que alargam a percepção e nos permitem ir ao micro e ao macro. Três ecrãs são preenchidos de informação visual que formam um invólucro em torno do espaço cénico ocupado pela banda, que além de Flak, C.Morg e



Cláudia Efe, a vocalista, conta ainda com a colaboração de Francisco Rebelo.

A cada uma das canções corresponde um efeito gráfico diferente: “A riqueza gráfica está cá por causa da música deles, nada é por acaso. Não é uma coisa para encher o olho. A estética do multimédia unifica o espectáculo”, justifica Rui Horta. “Propuseram-nos este projecto, que é exactamente o tipo de coisa que nos obriga a questionar, a trabalhar coisas novas... E, provavelmente, haverá muita gente à espera de ver dança e bailarinos, esta foi a primeira luta! As pessoas perguntavam: quem são os *performers*? Qual é o trabalho do Rui? Não me interessavam os processos habituais. Interessava-me trabalhar com a banda, com a visão de coreógrafo, e fazer o envolvimento do espectáculo. Fizemos um espectáculo de música, mas percebe-se que tem uma construção diferente, com marcações para os músicos e com uma direcção geral da acção

a que podemos chamar encenação.

E que é, ao mesmo tempo, uma banda a dar um concerto.”

*Baseado no texto de Mónica Guerreiro para o programa do espectáculo

After a year of sell-out shows in Portugal and abroad to the unanimous acclaim of fans and journalists, *Zoetrope* returns to the Culturgest stage.

Zoetrope is a total show that can be viewed as a multimedia performance, a staged concert or a choreographic production: an electronic pop band that wanted the challenge of doing something different. The show is deliberately confusing. Muybridge’s toy, the Zoetrope, is the point of departure for a trip through special ambiances, alternative realities and technology. Three screens are filled with visual information, surrounding the band on stage, each song having its own graphic effect. It is a band giving a performance, but in a very different way.

Hank Jones Trio

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração aproximada: 1h15 · M12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

Piano Hank Jones

Contrabaixo George Mraz

Bateria Carl Allen

Aos 91 anos, feitos a 31 de Julho passado, e em plena actividade, Hank Jones é dos poucos a que se aplica com propriedade a expressão “uma lenda viva do jazz”. Gravou centenas de discos como acompanhante e mais de sessenta como líder. Um dos grandes impulsionadores do estilo bebop, tocou com quase todos os grandes nomes da história do jazz, como, entre muitos outros, Coleman Hawkins, Ella Fitzgerald, Charlie Parker, Max Roach,

Artie Shaw, Benny Goodman, Lester Young, Cannonball Adderley, John Coltrane, Wes Montgomery, John Lewis, Tommy Flanagan, Ron Carter, Gato Barbieri, Eddie Gomez, Al Foster, Sonny Stitt, Oscar Peterson, Charlie Haden, Joe Lovano.

Acompanhador solicitadíssimo pela rádio e televisão (*The Ed Sullivan Show*), é-o também por cantores e cantoras – para além de Ella Fitzgerald, tocou, por exemplo, com Frank Sinatra ou Diana Krall.

Foi dos poucos que recebeu o título de Master of Jazz atribuído pelo National Endowment for The Arts, para além de muitas outras honras e homenagens que lhe foram concedidas. O mundo reconhece-o como um dos últimos sobreviventes daquele grupo de



músicos excepcionais que ajudaram a forjar o jazz.

Continua tocando pelo mundo inteiro, gravando, dirigindo *masterclasses* em Universidades como Harvard ou Nova Iorque.

Os músicos que o acompanham no concerto desta noite são intérpretes de excepção, com uma carreira sólida. Mraz, checo de origem, já tocou com Oscar Peterson, Stan Getz, Tommy Flanagan, Chet Baker, entre outros. Allen, apresentou-se, por exemplo, com Freddie Hubbard, George Coleman, Michael Brecker e é director artístico do Departamento de Jazz da Julliard School.

Uma oportunidade para ouvir ao vivo um dos grandes nomes da história do jazz.

Hank Jones was 91 on 31 July and is still working hard: one of the true “living legends of jazz”. He has made hundreds of records as a sideman, and over 60 as leader. One of the founders of bebop, he has played with Coleman Hawkins, Ella Fitzgerald, Charlie Parker, Max Roach, Artie Shaw, Benny Goodman, Lester Young, Cannonball Adderley, John Coltrane, Wes Montgomery, John Lewis, Tommy Flanagan, Ron Carter, Gato Barbieri, Eddie Gomez, Al Foster, Sonny Stitt, Oscar Peterson, Charlie Haden, Joe Lovano, Frank Sinatra, and even Diana Krall.

He has received many honours, and is one of the last survivors of the exceptional musicians who helped forge jazz.

Tonight, he will be playing with George Mraz and Carl Allen.

Nada. Vamos ver.

De Gustavo Ciríaco

No âmbito do Festival Temps d'Images

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO

21h30 Duração: 1h00 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Concepção e coreografia Gustavo Ciríaco

Criação e performance Francini Barros, Gustavo

Ciríaco, Ignacio Aldunate, Milena

Codeço, Leo Nabuco **Assistência de direcção e**

colaboração artística Flavia Meireles

Bailarina convidada Dyonne Boy

Videos Leo Nabuco, Ignacio Aldunate e

Gustavo Ciríaco **Bailarino virtual** Leo Nabuco

e Gustavo Ciríaco **Banda sonora** Rodrigo

Marçal **Desenho de luz** José Geraldo Furtado

Consultor cenográfico Joelson Gusson

Professores de dança Flavia Meirelles, Maria Alice

Poppe, Renata Reiheimer e Joelson

Gusson **Administração e produção executiva** Fomenta

Produções - Carla Mullulo e João Braune

Co-produção Culturgest e SESC São Paulo

Residência Centre International d'Accueil et

d'Échanges Des Récollets, com apoio

do Centre National de la Danse - CND

(accueil studio) e do Mica Danses - Paris

Teatro Gláucio Gil, parte do projecto de

ocupação Orquestra Improviso, com

apoio do Panorama de Dança - Rio

de Janeiro **Apoio para pesquisa** Prémio Klauss

Vianna, Funarte **Estreia** SESC, São Paulo,

em Fevereiro de 2009

Algumas histórias. A do público. A do performer. Um ponto de encontro: a sala de espectáculo. Um espaço de expectativa, de convivência, de evasão. Um espaço de códigos compartilhados. *Nada. Vamos ver* começou com uma questão: como tornar visível aquilo que está presente e constitui a situação de um espectáculo de dança em um teatro. Como explicitar o óbvio, o já acordado, porém já esquecido na relação público-performer?

Em um desenho chamado *Nada. Ello dirá*. (*Nada. Vocês verão.*), onde um cadáver escreve a palavra "Nada" em uma pedra, o pintor espanhol Goya faz uma alusão à expectativa diante da morte, da evasão do mundo material e da ausência de divino, de um nada ao qual todos estaríamos destinados. Um mundo sem Deus. Sem além.

De modo estranhamente similar, o lugar físico do teatro está associado a uma série de expectativas que produzem um certo além, um certo transpor de realidade, de evasão mesmo, onde há a criação de dois tempos, dois campos aparentemente separados, na claridade da cena e na escuridão da plateia.

Gustavo Ciríaco



Gustavo Ciríaco é bailarino e coreógrafo, ex-cientista político. Questões como presença/presente, identidade pessoal/cultural, percepção e discurso são especialmente constantes em seu trabalho. Desde 1995, desenvolve parcerias com artistas brasileiros e estrangeiros, actuando entre Brasil e Europa em projectos que visitam dança, *performance* e criações *site specific*. Entre as suas criações mais recentes, destaca-se *Aqui enquanto caminhamos* (Alcantara, 2006), em parceria com Andrea Sonnberger. Actualmente desenvolve os projectos *Vizinhos*, parte do programa de Artistas em Residência (Casa Escendida e a Universidade de Alcalá de Henares), em Madrid e do programa de residências do Alcantara, em Lisboa; e *Now*, um solo para a bailarina francesa Annabelle Pulcini, dentro do quadro do Ano da França no Brasil.

Nada. Vamos ver began with a question: how to make visible the constituent elements of a dance show in a theatre? How to explain what is obvious but forgotten in the public-performer relationship?

In a drawing by Goya called *Nada. Ello dirá*, a dead body writes the word "nothing" on a stone, alluding to expectations in death, escape from the material world and absence of the divine: the "nothing" awaiting us all. A world without God. Without "beyond".

The theatre also creates expectations that produce a "beyond", removing one from reality, where two apparently separate worlds are created: the lit stage and the darkened audience.

Gustavo Ciríaco is a dancer and choreographer, and former political scientist.

Der Mann ist verrückt

De Tânia Carvalho e Vera Suchánková (criação)
No âmbito do Festival Temps d'Images

PEQUENO AUDITÓRIO

21h30 (Sex 20) · 19h00 (Sáb 21)
Duração aproximada: 45 min · M12
€5 (preço único)

Direção e coreografia Tânia Carvalho
Thereminista e co-criadora Vera Suchánková
Intérpretes Tânia Carvalho e Vera Suchánková **Banda sonora** Vera Suchánková, Handel, Bach, A. Caldara
Poema Patrícia Caldeira
Desenho de luz e direção técnica Anatol Waschke
Figurinos Aleksandar Protisch
Adereços Vera Suchankova e Tânia Carvalho
Video Nothingness Edição de video Paulo Azinhaga **Baixista (gravação)** Zeca Iglésias
Produção Bomba Suicida **Apoio** Dupla Cena - Temps d'Images, O Espaço do Tempo, Culturgest e Trillke-Gut (Alemanha)

Gosto de escolher poemas e deixar-me inspirar por eles. As palavras proporcionam-me criar imagens que mais ninguém vê.

"Show Off
I just want to shout in silence
Do you hear my mouth shut?
I just want to shout in silence
To show off.
I am dancing like a stone.
Do you see me rock?
Rocks dance to show off.
To show off nothing in particular.
Nothing in particular
Particles of nothingness
I am nothing
Just to show off
I want to sing no song.
And singing this contradictions
Makes me remember
I want nothing at all.
Do you see me disappearing?
A tiny dot in your memory.
Do you see me disappearing?
Forgetting into nothingness.
Just to show off
Nothing in particular."
Poema de Patrícia Caldeira



Escolho este texto porque com este crio na minha cabeça as mais confusas e intrigantes imagens, as quais preciso explorar.

Colaboro neste projecto com uma thereminista, a tocar ao vivo.

Escolhi o theremin por ser um instrumento tocado no ar como se este não existisse, como que tocado em silêncio, como diz no texto "shout in silence/ do you hear my mouth shut? Particles of nothingness... do you see me disappearing?"

Começamos por explorar o "nothingness", ou seja, um lugar onde tudo é possível. E a partir daí foram aparecendo ideias, associações, contaminações, etc.

Tânia Carvalho

I like to pick up poems and let myself be inspired by them. Words are something that makes us create images that no one else sees.

"I chose this poem by Patrícia Caldeira because with it I create in my mind the most confusing and intriguing images witch I need to explore. I would like to do this project in collaboration with a Theremin player, playing live.

I chose theremin because it is an instrument that is played in the air as if the instrument does not exist it's almost like playing in silence, as the text says "shout in silence/ do you hear my mouth shut? Particles of nothingness... do you see me disappearing?"

So what I want is to explore the combination between a dancer and a theremin player for I see the theremin player a dancer as well. And as a dancer and singer I want to explore the sound I can make together with the theremin. And both of us will be coordinated in movement and sound as if the air would be our playground." Tânia Carvalho

Architecting Arquitectar

Um espectáculo the TEAM

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO

21h30 Dur. 2h30 com intervalo · M12
€15 · Jovens até aos 30 anos: €5
Espectáculo em inglês, com legendas
em português

Escrito por the TEAM Encenação Rachel Chavkin
Co-encenação Davey Anderson Cenografia e
figurinos Nick Vaughan Desenho de som Matt
Hubbs Desenho de luz Jake Heinrichs Vídeo Brian
Scott Colaboradores para a escrita Davey Anderson,
Nathan Wright e Lucy Kendrick Smith
Com Frank Boyd, Jill Frutkin, Rebecca
Henderson, Libby King, Jake Margolin e
Kristen Sieh Co-produção the TEAM, National
Theatre of Scotland Apoio National Theatre of
Scotland, Greenwall Foundation e
Panta Rhea Foundation Desenvolvimento BAC
(BAC Scratch Commission), 3LD Art &
Technology Center, Nova Iorque, CUNY
Prelude Festival e Orchard Project

Criando um *requiem* para a América moderna, esta saga emocionante serpenteia pelo passado e o futuro do país, dando-nos uma análise iluminadora da psique americana.

Através dos olhos da jovem arquitecta Carrie Campbell, o espectáculo fala de luto e recuperação durante momentos de apocalipse, desastre e mudança.

Viajando entre um bar prestes a ser demolido na Nova Orleães pós-Katrina, a Guerra Civil Americana e o Sul de *E Tudo o Vento Levou* de Margaret Mitchell, entre a Hollywood dos dias de hoje e uma bomba de gasolina isolada no Arkansas, *Architecting* conta a história de americanos que tentam sobreviver enquanto o mundo de baixo dos seus pés não pára de mudar.

The TEAM é uma companhia teatral de Nova Iorque que se dedica a dissecar e celebrar a experiência de viver na América hoje. *Architecting* ganhou um Fringe First no Festival de Edimburgo de 2008.

Imperfeito ou não, este espectáculo é uma jóia rugosa e complexa que diz muito sobre a nossa civilização dominada pelas imagens nos ecrãs e pela América, e sobre o ponto de crise a que chegou. E



faz isso enquanto atinge alguns momentos extraordinários de humor e beleza e energia teatral pura, onde a música sossegada e triste da humanidade – e o autêntico impulso erótico de um coração que encontra outro, uma diferença que encontra outra – se podem ouvir, por baixo de todo o rugido ensurdecedor deste nosso mundo velho e moribundo. Joyce McMillan

The Scotsman, 4 de Agosto de 2008

Creating a requiem for modern America, this exhilarating saga weaves through the country's past and future, providing an insightful analysis of the American psyche.

Through the eyes of young architect Carrie Campbell, the production looks at mourning and healing during moments of apocalypse, disaster and change.

Rocketing from a condemned bar in post-Katrina New Orleans to the American Civil War and the south of Margaret Mitchell's *Gone with the Wind*, to modern-day Hollywood and a lonely gas station in Arkansas, *Architecting* tells the story of Americans trying to survive as the world changes under their feet.

The TEAM is a New York City-based theatre company dedicated to dissecting and celebrating the experience of living in America today.

Vera Mantero / PEPCC – Forum Dança

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO
(lotação reduzida)

21h30 (Sáb 28) · 17h00 (Dom 29)

Duração aproximada: 45 min · M12

€3 (preço único)

Direção de Vera Mantero

Com Acerina Ramos (ES), Ali Moini (IR), André Soares (PT), Cinira Macedo (PT), Claudia Tomasi (IT), Francisca Santos (PT), Jonas Vanhullebush (BE), Julia Salaroli (BR), Kandyê Medina (BR), Maria Lemos (PT), Mariana Bártolo (PT), Mariana Tengner Barros (PT), Natalia Viroga (UY), Sezen Tonguz (TR), Teresa Silva (PT)

No final dos dois anos de formação, os alunos do Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica – PEPCC participam no processo de construção e interpretam uma nova criação de Vera Mantero. Estes quinze alunos, de oito nacionalidades, terminam assim um processo formativo dirigido por destacados artistas e professores interna-

cionais. O confronto com o público foi, ao longo desta formação, realizado em vários formatos e resultado de diferentes propostas criativas. Vera Mantero, também professora de Improvisação e Composição Coreográfica durante o PEPCC, dirige agora a última experiência de apresentação deste grupo de alunos.

O Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica – PEPCC é um projecto pedagógico e um projecto artístico. É uma formação avançada e intensiva em dança contemporânea. O PEPCC proporciona um conhecimento e uma prática constantes e inscritos num largo espectro de experiência e de conhecimento artísticos. Contextualiza este trabalho no universo alargado da produção coreográfica ocidental. Encoraja e fornece instrumentos aos alunos para o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva em relação a si e à realidade criativa actual. Promove cruzamentos com outras artes e esferas do conhecimento. O PEPCC pretende criar as condições para uma integração

© Vera Mantero



na comunidade artística profissional da dança contemporânea, promovendo a autonomia e a confiança no esboço de uma trajetória individual na área interpretativa ou criativa.

After two years of training, students on the Choreographic Creation, Research and Study Programme (PEPCC) help develop and perform a new creation by Vera Mantero, who also teaches on the course. It rounds off the training provided by leading international artists and teachers to 15 students from eight countries.

The programme is educational and artistic. It provides training in contemporary dance, offering knowledge and constant practice in a wide range of skills, within the context of Western choreog-

raphy. It encourages and equips students to be critical and reflective. It also aims to integrate contemporary dance into the artistic community, and foster independence and confidence.

 **forum dança**

O Forum Dança é subsidiado por:



PEPCC é apoiado por:



Cinanima

Festival Internacional de Cinema de Animação

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

M12 · Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

O Cinanima - Festival Internacional de Cinema de Animação é o mais importante festival de cinema de animação português. Realiza-se em Espinho desde 1976, tendo este ano a sua 33ª edição, o que o torna um dos mais antigos festivais deste tipo de cinema em todo o mundo. É organizado pela Cooperativa NASCENTE e pela Câmara de Espinho.

Para além das secções não competitivas, tem duas secções competitivas principais. A Secção Internacional abrange as categorias de Curtas-metragens, Médiás-metragens, Longas-metragens, Primeiro Filme ou Filme de Estudos, Séries, Publicidade e Informação. Na Competição Nacional há dois concursos: Prémio António Gaio/Prémio FNAC, para o melhor filme português em competição e Prémio Jovem Cineasta Português.

O Cinanima atribui prémios relativos a cada categoria, e vários outros como,

por exemplo, o Grande Prémio Cinanima 2009 para o melhor filme do Festival, o Prémio Especial do Júri ou o Prémio José Abel.

À semelhança do que vem acontecendo desde há uns anos, a Culturgest tem o prazer de se associar ao Cinanima projectando uma selecção de filmes premiados feita pela organização do Festival.

Cinanima - the International Animation Film Festival - is Portugal's leading festival in this field. It has been held in Espinho since 1976, making it one of the world's longest-running animation festivals.

There are non-competitive sections, plus two main competition sections. The international section covers short, medium- and feature-length films, first film or student films, series, advertising and information. The Portuguese competition is for best Portuguese film in competition and the Young Portuguese Film-maker Award. There are also several other competition sections. Culturgest will also be showing a selection of award-winning films chosen by the organizers.



Musica Elettronica Viva

Integrado no ciclo Imagens Projectadas II

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 50 min · M12

€10 · Jovens até aos 30 anos: €5

Electrónica Alvin Curran

Electrónica Richard Teitelbaum

Piano Frederic Rzewski

Produção Granular em parceria com Auditório Serralves, Culturgest, Escola das Artes da Universidade Católica do Porto, Instituto Franco-Português, Moagem, Preformas e Quarta Parede A Granular é uma estrutura financiada pela Direcção-Geral das Artes/Ministério da Cultura

O regresso aos palcos em 2007 e a edição no final do ano seguinte da caixa *MEV 40*, constituída por quatro CDs com registos em concerto realizados ao longo dos seus 40 anos de existência,

fizeram com que o colectivo Musica Elettronica Viva continuasse nos dias de hoje a sua intervenção única.

O núcleo duro dos MEV foi sempre constituído por Alvin Curran, Richard Teitelbaum e Frederic Rzewski, a eles se foram adicionando Allan Bryant, Carol Plantamura, Ivan Vandor e Jon Phetteplace. Ao longo do tempo tiveram ainda um vastíssimo rol de colaboradores, do qual sobressaíram Steve Lacy, George Lewis, Karl Berger, Garrett List e o português Carlos “Zingaro”.

O impacto dos MEV foi tal entre os finais da década de 1960 e o início da de 70 que o realizador Michelangelo Antonioni incluiu o grupo, juntamente com os Pink Floyd e Jerry Garcia, líder e guitarrista dos Grateful Dead, na banda sonora do seu filme *Zabriskie Point*. O objectivo era claro: romper não só

MEV em 1973 na The Kitchen, Nova Iorque



com as convenções da música erudita contemporânea, recusando, designadamente, a partitura, como também com as impostas por parte do jazz.

Curran, Teitelbaum e Rzewski já estiveram em Portugal, mas em outros contextos. O primeiro veio com o Rova Saxophone Quartet para uma edição do Jazz em Agosto e os outros dois integraram um quarteto com Barre Phillips e “Zingaro”, tendo Teitelbaum também actuado em duo com o violinista de Lisboa no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian. Juntos, e enquanto Musica Elettronica Viva, é a primeira vez que os vamos ouvir.

Musica Elettronica Viva returned to the stage in 2007, and last year released the four-CD box set *MEV 40*, containing live recordings spanning 40 years.

MEV's core has always been Alvin Curran, Richard Teitelbaum and Frederic Rzewski, who have been joined by Allan Bryant, Carol Plantamura, Ivan Vandor and Jon Phetteplace. Over the years, many others have been involved, including Steve Lacy, George Lewis, Karl Berger, Garrett List and Portugal's Carlos “Zingaro”.

The band joined Pink Floyd and the Grateful Dead's Jerry Garcia to provide the soundtrack for Michelangelo Antonioni's 1970 film *Zabriskie Point*.

Three of the group have already played in Portugal, but this is the first time for MEV as a group.

www.granular.pt

Nippon Koma

Mostra de Cinema Japonês · Comissariado: ACT

PEQUENO AUDITÓRIO

M12 · €3,5 (preço único)
Filmes legendados em inglês

SEGUNDA 7

18h30 · Animação

Genius Party Beyond, Colectânea de vários filmes de diferentes realizadores (Masahiro Maeda, Koji Morimoto, etc.), 2008

21h30 · Documentário

Fence, de Toshi Fujiwara, 2008

TERÇA 8

18h30 · Documentário

Near Equal: Kusama Yayoi, de Matsumoto Takako, 2008

21h30 · Animação

Colectânea de vários filmes de diferentes realizadores (Hiroco Ichinose, Tomoyoshi Joko, etc.), 2007-2008

QUARTA 9

18h30 · Animação

Colectânea de vários filmes de Takashi Ishida, 1994-2008

21h30 · Documentário

A Normal Life, Please, de Tsuchiya Tokachi, 2008

QUINTA 10

18h30 · Documentário

Line, de Tadasuke Kotani, 2008

21h30 · Animação

Mind Game, de Masaaki Yuasa, 2004

SEXTA 11

18h30 · Animação

Colectânea de vários filmes de diferentes realizadores (Teizo Kato, Yasuji Murata, etc.), 1931-1933

21h30 · Documentário

Mental, de Kazuhiro Soda, 2008

SÁBADO 12

18h30 · Animação

Colectânea de vários filmes de Yuki Kawamura, 2005

21h30 · Animação

The Sky Crawlers, de Mamoru Oshii, 2008

A edição de 2009 do Nippon Koma propõe uma nova selecção de obras, na sua maioria recentes, de enorme originalidade e qualidade artística. Entre as sessões dedicadas a cinema documental será possível assistir, por exemplo, a *Fence*. A existência de uma base militar americana nas montanhas de Ikego, perto de Tóquio, torna a zona de acesso limitado ao mais comum dos cidadãos. A realocação involuntária dos habitantes locais e a privação do seu território natal tem originado um debate extremamente politizado e a criação de vários grupos de protesto, sobre os quais se debruça este trabalho de Toshi Fujiwara. *Mental*, de Kazuhiro Soda, dá-nos a conhecer

Mental, de Kazuhiro Soda, 2008



o Dr. Yamamoto Masatomo, médico psiquiatra na clínica Chorale Okayama no Japão. O documentário acompanha os métodos de trabalho do médico junto dos pacientes para, de uma forma humanista, imergir no mundo da doença mental e levantar questões fundamentais do nosso tempo.

A selecção de trabalhos de animação propõe obras de diferentes gerações e estilos artísticos, de entre as quais se podem evidenciar duas. *Mind Game* de Masaaki Yuasa combina uma variedade de técnicas de animação para nos contar como Nishi, a personagem principal, morre, vai para o céu, discute com Deus, ressuscita, viaja no tempo e é engolido por uma baleia. Em *The Sky Crawlers*, Mamoru Oshii, mostra-nos um universo paralelo, onde as crianças nunca chegam a adultos e onde reina permanentemente a paz. Tal contexto utópico e idealizado obriga à criação de uma guerra fictícia, que torne o ambiente mais "real". Consequentemente, é criado um exército de "Kildren" – pilotos adolescentes, treinados para morrer em batalha. Certo dia, o piloto Yuichi conhece Suito, uma

comandante que parecia saber mais sobre Yuichi e os Kildren do que à primeira vista se poderia supor.

2009's Nippon Koma has a new selection of mostly recent, hugely original and high-quality films. The documentary *Fence* deals with an American military base in the Ikego Mountains near Tokyo that led to the forced relocation of local inhabitants and a highly politicized debate. *Mental* introduces Dr Yamamoto Masatomo, a psychiatrist at Chorale Okayama Clinic, and his work to enter the world of mental illness. It asks fundamental questions.

Animation includes *Mind Game* by Masaaki Yuasa, and Mamoru Oshii's *The Sky Crawlers*, depicting a parallel universe where children never reach adulthood and peace reigns. In fact, a fictitious war has to be created, with an army of teenage pilots trained to die in battle.

SO SOLO

De Clara Andermatt

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração aproximada: 1h00 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Direção e interpretação Clara Andermatt
Concepção e dramaturgia Robert Castle e Clara Andermatt **Composição musical** João Lucas
Cenografia João Calixto **Desenho de luz** Rui Horta
Figurinos Aleksandar Protich **Assistência à dramaturgia** Alejandra Orozco **Direção técnica** Anatol Waschke **Operação de som** Ângelo Lourenço **Agradecimentos** Ivo Canelas
Produção ACCCA **Co-produção** Culturgest e Teatro Nacional São João
A ACCCA é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/Direção-Geral das Artes

No decurso de uma carreira produtiva e multifacetada abarcando várias escalas, vários espaços e vários elencos – da grande produção às criações intimistas,

do teatro convencional ao espectáculo de rua, dos profissionais de várias disciplinas aos trabalhos com a comunidade – Clara Andermatt surge agora como autora e intérprete do seu primeiro solo.

Colabora na concepção e dramaturgia desta peça o actor e encenador nova-iorquino, Robert Castle. Este convite surge da vontade da coreógrafa em aprofundar e expandir o trabalho de personagem para novos territórios conceptuais e performativos, dando continuidade à prática de experimentação e ao cruzamento da dança com outras expressões artísticas, tendências que caracterizam o seu trabalho.

So Solo é muitas coisas. Buster Keaton, Joana D'Arc, um gato fodido, e um montão de bolas, no meio de um tornado paranóico, cobertos de pastilha elástica.



As part of a multifaceted career covering many contexts – large-scale productions, alternative and conventional venues, street performance, repertoire companies and many kinds of community-based work – Clara Andermatt ventures into her first solo both as author and performer.

She is assisted by New York actor and director Robert Castle, whom she

invited to help her expand character and dramaturgy work. Thus she continues to experiment the crossover of dance with other art disciplines.

So Solo is a bundle of characters and situations. Buster Keaton, Joan of Arc, a fucked up cat and a bunch of balls... in the middle of a paranoid tornado, covered in chewing gum.

Nate Wooley e Paul Lytton

Ciclo ISTO É JAZZ?
Comissário: Pedro Costa

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12 · €5 (preço único)

Trompete Nate Wooley

Bateria, percussão, eletrónica Paul Lytton

Apesar da diferença de idades e de percursos os poder colocar em mundos diferentes, Paul Lytton e Nate Wooley partilham o mesmo gosto pela experimentação e pelo risco. Conheceram-se num concerto em Colónia em 2006; em 2007 editaram o seu primeiro disco em duo na Broken Research Records e na mesma altura fizeram uma digressão de dez dias pelos Estados Unidos. Durante essa digressão gravaram uma composição de Nate Wooley com David Grubbs no harmónio como convidado que saíra na Important Records em 2009. Tocaram com Fred Frith e ainda com Marilyn Crispell antes de entrarem em estúdio para gravar o seu segundo duo.

A sua música desafia os compar-timentos do jazz, *noise*, silêncio e

melodia, sendo até difícil descobrir momentos que se possam categorizar. Nate Wooley e Paul Lytton criaram uma linguagem musical muitíssimo original que vai mesmo além das estéticas que os definiram no passado, num diálogo sempre autêntico e por isso sempre em mudança, como o mundo que os rodeia.

Paul Lytton, conhecido como baterista do trio de Evan Parker (com Barry Guy no contrabaixo) há várias décadas, tem, desde há 40 anos, estabelecido novos territórios como baterista *free*, manipulador de electrónicas e inventor de instrumentos. Tal como Paul Lovens, John Stevens e Tony Oxley, Lytton está muito enraizado na tradição inglesa dos grandes experimentadores do ritmo e da cor, uma linguagem que já ultrapassou há muito os cânones do jazz. Durante muitos anos foi visto ao lado de improvisadores iluminados como Evan Parker, Barry Guy, Paul Rutherford, Alex von Schlippenbach, Paul Lovens, Marilyn Crispell, George Lewis e Ken Vandermark.

Nate Wooley © Peter Gannushkin



Nate Wooley é um *newcomer* que abalou a cena nova-iorquina como um dos primeiros músicos a misturar superiormente a improvisação europeia com o jazz norte-americano. Mostrou-se ao mundo da música improvisada com o seu CD em trompete solo, *wrong shape to be a storyteller*, curiosamente na portuguesa Creative Sources, em 2007. Nate Wooley cresceu numa vila piscatória do Oregon onde recebeu uma educação sólida de trompete-jazz. No entanto, abandonou a tradição jazzística para gravar e tocar com grupos de rock e *noise* como Melee, Graveyards e Akron/Family e gravou com grandes nomes do jazz moderno como Anthony Braxton, Tony Malaby, Joe Morris, William Parker, John Butcher, Ned Rothenberg, Ikue Mori e Steve Beresford.

Paul Lytton © Peter Gannushkin



Although their ages and backgrounds might place them in different worlds, Paul Lytton and Nate Wooley share a taste for experiment and risk. They met in 2006, and in 2007 released their first CD together, also embarking on a 10-date American tour during which they recorded a Nate Wooley composition with David Grubbs on harmonium. Later they returned to the studio to record their second CD. Their music is hard to categorize: their original musical language is ever-changing.

Paul Lytton, drummer of the Evan Parker Trio, has moved into new territory as a *free* drummer over the last 40 years.

Trumpeter Nate Wooley stunned the New York scene as one of the most successful musicians to blend European and American jazz.

Alemu Aga

Ciclo de concertos comissariado por filho único

CULTURGEST PORTO · 22h00

Dur. aprox. 1h00 · M12 · €5 (preço único)

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final desta programa) e na Culturgest Porto – Galeria, na Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo, até à hora de início do mesmo.

Voz, *begna* Alemu Aga

Amplamente desconhecida do mundo Ocidental até meados dos anos 1980, a música etíope, uma multitude de expressões culturais e espirituais próprias de um vasto país, independente (à excepção da relativamente breve ocupação fascista italiana no século XX) há milhares de anos, tem sido revelada perante nós no último par de décadas, recebida com o maior entusiasmo, admiração e reverência.

O principal responsável por este notável trabalho de divulgação é Francis Falceto, produtor francês que continua a dirigir, vai para 12 anos, a essencial série

de discos *Ethiopiques*, com mais de duas dezenas de alguns dos fundamentais documentos da música etíope do último século. O 11º volume deste conjunto de obras, pertence a Alemu Aga, das pedras mais preciosas que, por cá, deste lado dos mares e oceanos, temos podido avistar.

Aga é um dos grandes – e cada vez mais escassos – mestres da *begna*, um instrumento que se aproxima da família das liras e das harpas, que se crê ter origem no país desde a época do Rei David, há cerca de três mil anos. Um instrumento inicialmente conotado com um meio real e aristocrático (vários membros da família real etíope, ao longo dos tempos, tocavam-no), sofreu uma democratização no seu uso e tradição em épocas mais recentes. É quase exclusivamente utilizado em orações (mesmo que não em espaços ou ocasiões de âmbito religioso, onde não existe esse hábito), como música de meditação, sempre num registo puramente solista, nunca se misturando com outra instrumentação.

Resulta de uma antiga e extensíssima tradição oral, sem qualquer espécie de



notação que hoje, não havendo mais mestres a ensinar a *begna* em escolas de música no país (Aga foi o seu último professor nesse meio), vê a continuidade dos seus grandes músicos e intérpretes – e a sua própria, também – ameaçada.

Alemu Aga, tocador, geógrafo e lojista residente em Adis Abeba, viaja, há já algum tempo, um pouco por todo o mundo (mesmo que não tantas vezes quanto a sua arte o merece), a mostrar esta sua maravilhosa música ancestral, que parece pertencer a este e a todos os outros tempos, passados, futuros, espaciais, tridimensionais. Uma música da maior solenidade, sintonizada com uma paz eterna, luminosa, beatífica, capaz de nos levar para um outro estado, um outro sítio, de nos devolver a uma outra vida.

Unknown in the West until the mid-'80s, Ethiopian music has become enthusiastically admired and revered here over the last two decades, mainly thanks to French producer Francis Falceto. Amongst the discs he has released is one by Alemu Aga.

Aga is a master of the *begna* – similar to the lyre or harp – thought to date back about 3000 years. It once had royal and aristocratic connotations, but of late has become a more democratic instrument, almost always played for orations, as meditative music, always solo and never with other instruments.

Aga was the last *begna* teacher, and so this type of music is now under threat. He lives in Addis Ababa, but travels abroad to bring this wonderful ancestral music to the world.

DANÇA DEZEMBRO SEX 18, SÁB 19, DOM 20

Good morning, Mr. Gershwin

José Montalvo / Dominique Hervieu

GRANDE AUDITÓRIO

21h30 (Sex 18 e Sáb 19) · 17h (Dom 20)

Duração: 1h20 · M12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

Coreografia José Montalvo e Dominique Hervieu **Cenografia e concepção de vídeo** José Montalvo **Figurinos** Dominique Hervieu **com assistência de** Siegrid Petit-Imbert **Música** George Gershwin **Criações sonoras** Catherine Lagarde **Solo de clarinete** Renaud Pion **Criado e interpretado por** Mansour Abdessadok, Arthur Benhamou, Franz Cadiche, Katia Charmaux, Emeline Colonna, Clarisse Doukpe, Nicolas Fayol, Blaise Kouakou, Mélanie Lomoff, Christelle Nazarin, Sabine Novel, P. Lock, Karla Pollux, Marie-Priska Caillet, Alex Tuy dit Rotha **Infografia** Franck Chastanier, Sylvain Decay, Amel El Kamel, Cléo Gavagni, Michel Jaen Montalvo e Valérie Toumayan **Chefe de projecto** Yves Favier **Luzes** Vincent Paoli **Colaboração artística** Vincent Rafis **Colaboradores vídeo** Pascal Minet e Etienne Aussel **Assistente de coreografia** Joëlle Iffrig **Co-produção** Le Théâtre National de Chaillot, Centre Chorégraphique National de Créteil et du Val-de-Marne / Compagnie Montalvo-Hervieu, Le Grand Théâtre de

Luxembourg, La Biennale de la Danse de Lyon, Le Théâtre National de Bretagne, Het Musiktheater – Amsterdam, MC2 – Grenoble, La Maison des Arts de Créteil, Le Théâtre – Scène Nationale de Narbonne, L'Espace Jean Legendre – Théâtre de Compiègne.

Com a amável autorização de l'Opéra national de Lyon para a utilização de elementos da produção *Porgy and Bess* – Lyon 2008

Há mais de vinte anos que José Montalvo e Dominique Hervieu desenvolvem o projecto de uma dança jubilar-tória e iconoclasta, abundante de imagens, que fala do prazer dos corpos em movimento e do tumulto da sua mistura. Desmantelando as lógicas canónicas, transgredindo as hierarquias convencionais dos registos e dos discursos, a sua arte, embora pautada pela precisão, troça dos códigos, das convenções e da conveniência. Através dela desenha-se um mosaico de estilos e de intérpretes, vestidos com as cores do mundo em que hoje vivemos.

Depois de, em Maio de 2008, terem montado, a convite da Ópera de Lyon, *Porgy and Bess* de George Gershwin,

© L. Philippe



José Montalvo e Dominique Hervieu prosseguem a homenagem a este compositor americano que escreveu admiravelmente para dança e consagram-lhe uma nova obra coreográfica: *Good morning, Mr. Gershwin*.

«Que sorte ter vinte anos nos anos vinte em Nova Iorque!» entusiasmava-se Ernest Hemingway, grande admirador do compositor. Esses foram realmente os anos Gershwin: nascimento da arte urbana americana, incessante mutação das cidades, modernização galopante... fenómenos cuja vertigem marcou o compositor e que imprimiram pulsação às suas notas. É a este jovem prodígio entusiasta, livre e culto, que respirava o ar do seu tempo a plenos pulmões, que é consagrado o primeiro movimento desta criação. José Montalvo e Dominique Hervieu inspiram-se nos fantasmas da Broadway dos anos 30 – *girls*, cinema e *songs* cantadas pelos maiores intérpretes, de *The man I love a I got rhythm* –, e oferecem-nos um poema visual repleto de sensualidade, de sonho e de fantasia.

José Montalvo and Dominique Hervieu have been developing a celebratory and iconoclastic dance project for over 20 years. Although very precise, their dancing makes fun of codes and conventions; their art offers a mosaic of styles and performers dressed in the colours of today's world.

After producing Gershwin's *Porgy and Bess* in 2008, Montalvo and Hervieu have furthered their homage with *Good morning, Mr. Gershwin*.

The 1920s were Gershwin's years: the birth of American urban art, constant changes to cities and galloping modernity. These vertiginous phenomena left their mark on the composer and his compositions. The first movement of this creation is dedicated to that young, free and cultured prodigy.

Apoio: Culturesfrance – Ministère des Affaires étrangères



EXPOSIÇÃO ATÉ 6 DE SETEMBRO

Daan van Golden

Red or Blue

GALERIA 1

Curadoria: Anne Pontégnie
€2 · Bilhete único para as exposições

Visita guiada por Miguel Wandschneider

Sábado, 5 de Setembro, 17h00

Visita guiada

Domingo, 6 de Setembro, 17h00

Nas suas pinturas e fotografias meticulosamente executadas, Daan van Golden (Roterdão, 1936) encontra a beleza no quotidiano e trata objectos mundanos com integridade e respeito, mostrando-nos coisas familiares sob um novo olhar. O estilo pictórico de van Golden baseia-se na apropriação, utilizando motivos do quotidiano, como toalhas de mesa, papel de parede e tecidos decorativos, e mais tarde, motivos extraídos da história da arte. O artista pinta estas imagens e formas com uma precisão meticulosa, obtendo uma superfície excentricamente impecável. As pinturas recobrem um vasto leque de estratégias artísticas – desde a arte pop e o foto-realismo à arte estrutural e conceptual, ao minimalismo e à abstracção.

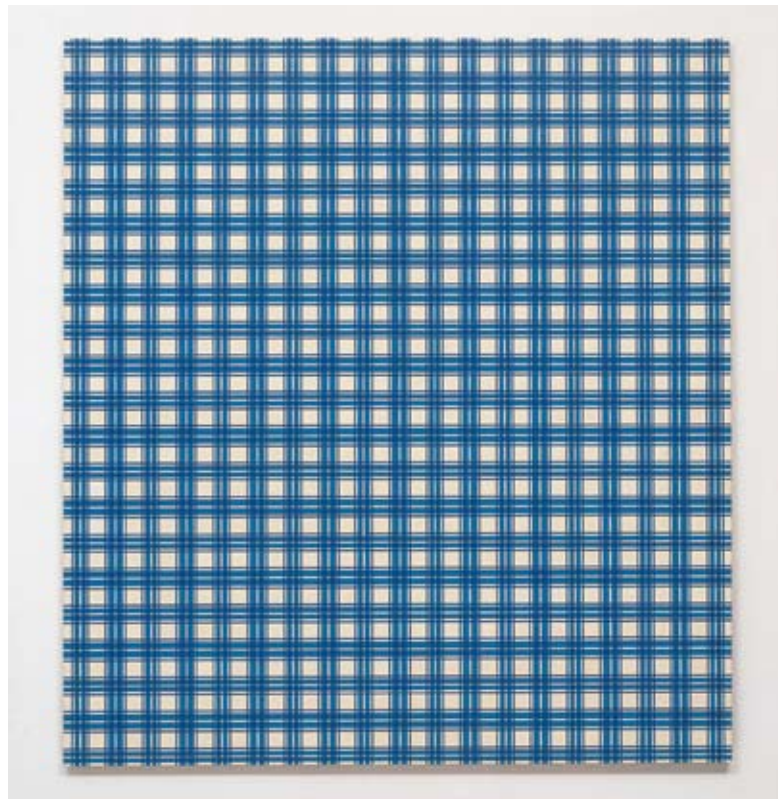
Depois de uma estadia no Japão no início da década de 1960, durante a qual se interessou pela meditação e filosofia zen, o artista desacelerou a sua técnica de pintura, produzindo obras de uma

forma meditativa, profunda e deliberada. Na arte, tal como no mundo, van Golden procura e encontra elementos que lhe permitem exercer a sua subtil arte enquanto estudioso de formas esquecidas. Mais tarde, começou a usar a história da arte como fonte para as suas imagens, depois de descobrir estranhos e maravilhosos novos assuntos em pinturas de Pollock e Matisse.

Organizada pelo Camden Arts Centre de Londres em colaboração com o Mamco de Genebra e a Culturgest, esta é a primeira grande exposição internacional itinerante de Daan van Golden, um artista venerado na Holanda desde a década de 1960.

In his meticulously executed paintings and photographs, Daan van Golden (Rotterdam, 1936) finds beauty in the everyday and treats mundane objects with integrity and respect by showing us familiar things in a new way. Van Golden's painting style is based on appropriation, using everyday motifs such as tea towels, decorative wallpaper and fabric, and later drawn from the history of art. He paints these images and forms with meticulous precision, achieving an eccentrically flawless surface. They cross over a broad range of art strategies – from pop and photorealism

One Painting, 1964 · Coleção Agnes e Frits Becht, Naarden



to structural and conceptual art, minimalism to abstraction.

After becoming interested in meditation and Zen philosophy during the time spent in Japan in the early sixties, he slowed down his painting technique, producing work in a meditative, thoughtful and deliberate way. In art as in the world, van Golden seeks and finds elements that allow him to exercise his subtle art as a student of forgotten forms. Later

he began to source imagery from the history of art after discovering strange, wonderful and new subjects within paintings by Pollock and Matisse.

Organised by Camden Arts Centre in London in association with Mamco in Geneva and Culturgest, this is the first major international exhibition tour of Daan van Golden, an artist that is renowned and celebrated in the Netherlands since the 1960s.

EXPOSIÇÃO ATÉ 6 DE SETEMBRO

Colecção #1

Ana Jotta

GALERIA 2

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as exposições

Visita guiada

Domingo, 6 de Setembro, 18h00

Colecção #1 dá início, juntamente com *Colecção #2*, a uma série de exposições na Culturgest em torno da Colecção da Caixa Geral de Depósitos, com o propósito de dar a conhecer (ou visitar) as obras adquiridas recentemente, ou seja, a partir de Janeiro de 2005. O mote para este programa, de periodicidade irregular, está dado: cada exposição centra-se no trabalho de um determinado artista. Nesse sentido, esta série de apresentações reflecte e harmoniza-se com um dos princípios fundamentais que presidiram às escolhas para a colecção desde aquela data: a substituição de um critério extensivo que até então havia predominado, tendo levado a contemplar um número muito elevado de artistas, por um critério intensivo que privilegia a concentração num número substancialmente mais reduzido de

autores e a constituição de conjuntos alargados de obras, cuidadosamente seleccionadas.

A escolha de Ana Jotta (Lisboa, 1946) para o arranque desta série de exposições não é fruto do acaso. Às seis obras da artista que então faziam parte da colecção veio juntar-se, em Janeiro de 2006, um numeroso conjunto de peças, produzidas entre 1984 e 2005, que dá conta de como a sua obra se metamorfoseia e reinventa permanentemente através de uma desconcertante diversidade de meios e resultados. Ana Jotta aspira a uma constante diluição da autoria, uma atitude que reforça a irredutível singularidade da sua arte e constitui um modo às avessas de afirmação da sua idiossincrática individualidade; esvazia de sentido a noção de originalidade, a tal ponto a sua actividade é, para parafrasear a expressão certa de Gáetan Lampo, a de uma obsessiva e infatigável respigadora, que se apropria de tudo e mais alguma coisa ao sabor das circunstâncias e dos acasos da (sua) vida – desvia, descontextualiza, recria, subverte objectos, imagens e referências

Sem título, 1997 © Laura Castro Caldas/Paulo Cintra



das proveniências mais desencontradas, desde a história da arte à cultura vernácula, passando por aparentes trivialidades; desprende-se das obrigações e dos hábitos vinculados a um estilo, despistando categorias, classificações, interpretações e os seus efeitos domesticadores, subvertendo o jogo da arte com um cinismo encantador e em diferentes tons de humor, ironia, paródia e irrisão.

Starting this series of exhibitions around the recent acquisitions of the Caixa Geral de Depósitos collection with Ana Jotta (Lisbon, 1946) is not a random choice. The six works from the artist that, at the time, were already part of the collection were joined, in January 2006, by a large group of pieces, produced between 1984 and 2005, which show how her work

has permanently metamorphosed and reinvented itself through a disconcerting diversity of means and results. Ana Jotta aspires to a constant dilution of authorship, an attitude that reinforces the irreducible singularity of her art and amounts to a topsy-turvy way of asserting her idiosyncratic individuality; she deviates, decontextualises, recreates and subverts objects, images and references drawn from the most diverse sources, ranging from the history of art to vernacular culture and apparent trivialities; she releases herself from the obligations and habits linked to a style, sidestepping categories, classifications, interpretations and their domesticating effects, subverting the game of art with a charming cynicism amid different undertones of humour, irony, parody and derision.

EXPOSIÇÃO ATÉ 6 DE SETEMBRO

Colecção #2

Francisco Tropa

GALERIA 2

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as exposições

Visita guiada

Domingo, 6 de Setembro, 18h00

Embora tenham sido produzidos e apresentados no contexto de instalações muito complexas, as três esculturas e os dois filmes mostrados nesta exposição podem ser experienciados autonomamente das tramas narrativas e formais a que originalmente estiveram vinculados. O trabalho de Francisco Tropa (Lisboa, 1968) radica numa concepção da arte como actividade de produção de coisas que não estão enredadas nas evidências do visível e que escapam aos

hábitos adquiridos do pensamento e da linguagem. A resistência que as suas obras oferecem à interpretação vai a par da sua abertura à experiência fenomenológica do espectador. Utilizando uma panóplia de meios de expressão muito variados (da *performance* à escultura, do desenho à gravura, da fotografia ao filme e à projecção de diapositivos), Francisco Tropa desenvolve o seu trabalho, projecto após projecto, como uma contínua reflexão, frequentemente com sentido alegórico, sobre a arte, o acto de percepção e a existência do sujeito no mundo.

Despite their originally being produced and presented in the context of highly complex installations, the three sculp-

Une table qui aiguisera votre appétit - le poids poli, 2003 © DMF, Lisboa



tures and two films shown in this exhibition can be experienced autonomously from the different narrative and formal frameworks to which they were originally linked. The work of Francisco Tropa (Lisbon, 1968) is rooted in a conception of art as the production of things that are not entangled in the evidence of the visible, and that escape the acquired habits of thought and language. While offering resistance to interpretation, his works open up to the sensorial and cognitive experience of the viewer. Using a vast array of highly varied means of expression (ranging from performance to sculpture, drawing to engraving, photography to film and slide projections), Francisco Tropa develops his work, project after project, as a continuous

reflection, frequently with an allegorical meaning, upon art, the act of perception and the subject's existence in the world.

EXPOSIÇÃO DE 24 DE OUTUBRO A 23 DE DEZEMBRO

António Olaio

Brrrrrain

GALERIA 1

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as exposições

Conversa com António Olaio
e Miguel Wandschneider

Sábado, 14 de Novembro, 16h30

Visitas guiadas

por Miguel Wandschneider

Sábados, 21 de Novembro
e 12 de Dezembro, 17h00

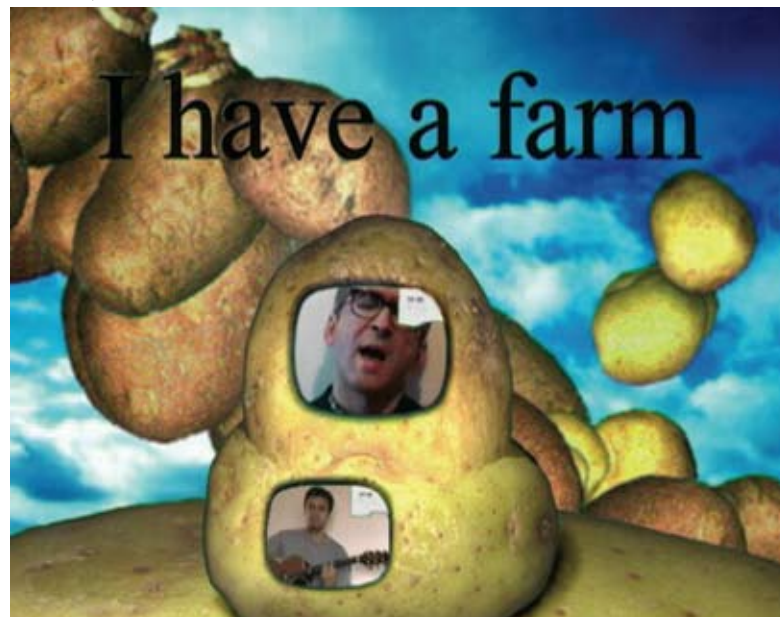
Visitas guiadas

Domingos, 8 de Novembro
e 6 de Dezembro, 17h30

Ao longo da década de 1980, paralelamente à sua actividade como pintor, António Olaio (Coimbra, 1963) desenvolveu uma intensa prática de *performance*. Nas suas *performances*, ele surgia a dançar e a cantar em *playback*, incarnando uma espécie de personagem inverosímil de um espectáculo não menos *sui generis*. Esta actividade performativa despertou nele a vontade de experimentar a actividade musical, o que se veio a concretizar em 1986 através da sua ligação, como vocalista e letrista, ao grupo Repórter Estrábico (com o

qual chegou a gravar o disco *Uno dos*, editado em 1991). Desde 1993, Olaio tem utilizado igualmente o vídeo no seu trabalho, em estreita relação com a música, tomando de empréstimo o *videoclip* como modelo e subvertendo as convenções desse género com um humor e uma imaginação delirantes. Os seus primeiros vídeos apoiam-se em canções que ele compôs a partir da apropriação de melodias de vários discos anacrónicos de instrumentais *country* (*Post-Nuclear Country*, 1993-1994). Para os seus vídeos posteriores, ele recorreu a canções feitas em parceria com João Taborda (com quem gravou já três discos, *Loud Cloud*, *Sit on My Soul* e *Red Rainbows*, editados respectivamente em 1996, 1999 e 2008). O vídeo enquanto *medium* revelou-se extraordinariamente operativo para Olaio interligar, e mesmo fundir, os diferentes tipos de actividade a que se vinha dedicando desde a década de 1980. A presente exposição – a mais extensa até hoje realizada pelo artista – estabelece um contraponto entre o seu trabalho em vídeo e a sua pintura.

Potato Farm, 1999



During the 1980s, in parallel to his activity as a painter, António Olaio (Coimbra, 1963) was intensely involved in performance art, dancing and miming songs, and embodying an improbable kind of character from an equally singular show. These performances awakened in him the desire to engage in musical activity, which he achieved in 1986 through his involvement with the band Repórter Estrábico, singing and writing lyrics, and even recording a CD with them – *Uno dos* – released in 1991. Since 1993, Olaio has also used video in his work, always closely related with music, borrowing the video clip as a model and subverting the conventions of this genre with his zany humour and imagination. His first videos were based

on songs that he composed by appropriating the melodies of various anachronistic records of country instrumentals (*Post-Nuclear Country*, 1993-1994). For his later videos, he made use of songs produced in partnership with João Taborda (with whom he has already recorded three CDs, *Loud Cloud*, *Sit on My Soul* and *Red Rainbows*, released in 1996, 1999 and 2008, respectively). Video has proved to be an extraordinarily powerful medium for Olaio, allowing him to interconnect, and even merge together, the different types of activity that he has been engaged in since the 1980s. The current exhibition – the most extensive one held by the artist so far – establishes a counterpoint between his video work and his painting.

EXPOSIÇÃO DE 24 DE OUTUBRO A 23 DE DEZEMBRO

Jos de Gruyter e Harald Thys

GALERIA 2

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as exposições

Conversa com Jos de Gruyter,
Harald Thys e Miguel Wandschneider
Sábado, 24 de Outubro, 16h30

Visitas guiadas
por Miguel Wandschneider
Sábados, 7 de Novembro
e 19 de Dezembro, 16h30

Visitas guiadas
Domingos, 8 de Novembro
e 6 de Dezembro, 17h30

Projecção de filmes dos artistas
Pequeno Auditório · Sábados, 7 de
Novembro e 19 de Dezembro, 18h00

Jos de Gruyter (Geel, Bélgica, 1965) e
Harald Thys (Wilrijk, Bélgica, 1966) tra-
balham em conjunto desde o final da

década de 1980. Nos últimos anos, o seu trabalho tem vindo a ganhar crescente visibilidade internacional, como atestam quer a multiplicação de exposições individuais fora do seu país de origem, quer a sua participação em diversas exposições colectivas, com destaque para as últimas edições da Manifesta e da Bienal de Berlim, no ano passado. Embora sejam mais conhecidos pelos seus vídeos, De Gruyter e Thys têm realizado igualmente séries fotográficas e instalações com esculturas e objectos, além de utilizarem, esporadicamente, outros *mediums*, como o desenho, a *performance*, ou o texto sonoro. O humor é um ingrediente constante do seu trabalho; um humor absurdo e derrisório, que nos seus vídeos é potenciado na construção de mundos paralelos, mais ou menos inspirados na observação

Der Schlamm von Branst, 2008



da realidade, habitados por personagens estranhos e caricaturais, cada vez mais fechados sobre si mesmos, alienados na sua imobilidade e no seu mutismo.

Jos de Gruyter (Geel, Belgium, 1965) and Harald Thys (Wilrijk, Belgium, 1966) have been working together since the end of the 1980s. In recent years, their work has enjoyed increasing international visibility, as shown both by the solo exhibitions that they have held outside their country and by their participation in various group exhibitions, most notably at the latest editions of Manifesta and the Berlin Biennial last year. Although they are better known for their videos, De Gruyter and Thys have also produced series of photographs and installations with sculptures and objects, besides sporadically using other media, such as drawing,

performance or sound-text. Humour is a constant feature of their work: an absurd and derisory humour, which in their videos is enhanced by the construction of parallel worlds, inspired to a greater or lesser degree upon their observation of reality, inhabited by strange caricature-like characters, increasingly closed in on themselves and alienated in their immobility and mutism.

Bruno Pacheco

Ainda Não

Entrada gratuita
Curadoria: Miguel Wandschneider

Visitas guiadas a grupos escolares
e/ou organizados (a partir de 10 pessoas)
Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 - Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Dois anos e meio depois de ter apresentado uma grande exposição de Bruno Pacheco (Lisboa, 1974), a Culturgest volta a apresentar o seu trabalho, desta vez no espaço de exposições do Porto. Se aquela exposição contribuiu decisivamente para afirmar Bruno Pacheco como um dos artistas portugueses incontornáveis no actual panorama artístico, a que agora se realiza vem confirmar, se necessário fosse, a extraordinária vitalidade do seu trabalho

nos últimos anos. Desde 2005, ele tem vindo a alternar a prática quotidiana da pintura - que se materializa em pinturas a óleo sobre tela, geralmente de grandes dimensões, e noutras, mais pequenas, a acrílico sobre papel - com a produção de objectos que, em muitos casos, aludem ironicamente à prática artística e ao estatuto da obra de arte, ao mesmo tempo que incorporam referências a momentos marcantes da história de arte contemporânea. Nesta exposição, Bruno Pacheco combina uma obra composta por dezasseis pinturas sobre papel de um mesmo motivo, submetido a um vasto leque de soluções formais e expressivas, com três esculturas que prosseguem, ao mesmo tempo que expandem, as ideias e as preocupações que tem vindo a desenvolver no trabalho tridimensional.

A pot of gold at the end of the rainbow, 2008-09 © DMF, Lisboa



Two and a half years after presenting a large-scale exhibition of Bruno Pacheco (Lisbon, 1974), Culturgest will once again be displaying his work, this time at its exhibition space in Porto. While that first exhibition made a decisive contribution towards establishing Bruno Pacheco's reputation as one of today's leading Portuguese artists, the one that is now being held serves to confirm (as if such were necessary) the extraordinary vitality of his work over the last few years. Since 2005, he has alternated his everyday painting activity - embodied in the form of generally large-sized oil paintings on canvas, as well as other smaller ones of acrylic on paper - with the production of objects that, in many cases, allude ironically to the artistic practice and the status of the work of art, while, at the same time, incorporating references

to defining moments in the history of contemporary art. In this latest exhibition, Bruno Pacheco combines a work composed of sixteen paintings on paper repeating the same motif, submitted to a vast range of formal and expressive solutions, with three sculptures that simultaneously continue and expand upon the ideas and concerns that he has been developing in his three-dimensional work.

EXPOSIÇÃO CULTURGEST PORTO DE 31 OUT 2009 A 9 JAN 2010

Batia Suter

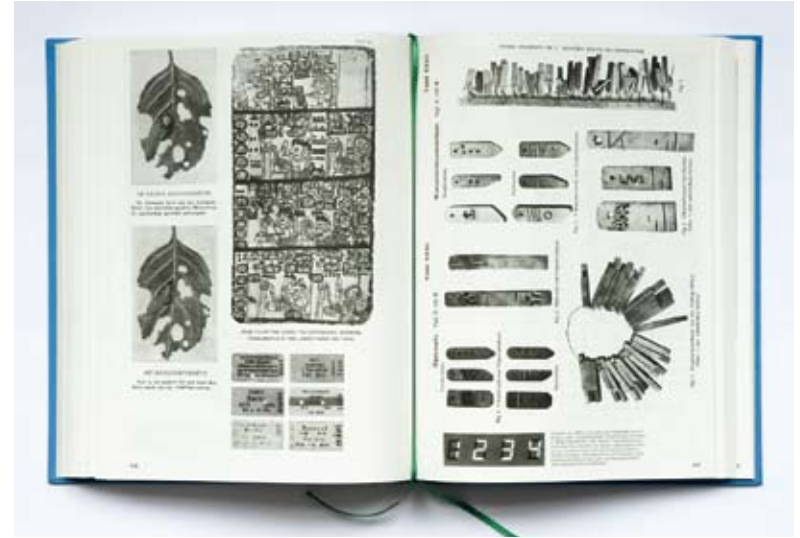
Entrada gratuita
Curadoria: Miguel Wandschneider

Visitas guiadas a grupos escolares e/ou organizados (a partir de 10 pessoas)
Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Quando participou na exposição em torno do projecto Roma Publications, na Culturgest, em 2006, a artista suíça Batia Suter (nascida em 1965) apresentou duas obras que cativaram muitos dos visitantes, ambas com o título de um vasto projecto que tem vindo a desenvolver desde há vários anos, *Parallel Encyclopedia*: a primeira consistia numa projecção em vídeo de uma sequência de cerca de 900 imagens fotográficas recolhidas de jornais, construída, com subtilidade, através de jogos de associação formal que expandiam os possíveis significados das imagens e propiciavam determinados estados psicológicos, levando-nos inadvertidamente a descobrir o estranho no familiar; a segunda obra era uma belíssima composição feita com livros abertos sequenciados numa longa prateleira, que punha em relação

imagens fotográficas muito diversas, por vezes com escalas contrastantes, associadas aos mais diferentes universos de referência – tal como o volumoso livro que fez em seguida com o mesmo título, uma montagem de tipo warburgiano, feita, no entanto, sem conhecimento do projecto *Atlas Mnemosyne* do celebrado historiador de arte Aby Warburg. Se há denominador comum ao trabalho de Batia Suter é justamente a utilização recorrente da imagem fotográfica. Antes do referido corpo de trabalhos, e desde o final da década de 1990, a artista serviu-se de imagens fotográficas muito ampliadas para realizar instalações *site specific*: com elas cobria paredes inteiras (ou janelas) dos espaços expositivos, explorando, nomeadamente, efeitos de *trompe l'oeil* e relações entre o interior e o exterior desses espaços. Estas duas genealogias do seu trabalho estão no horizonte do projecto que Batia Suter está a conceber para o espaço da Culturgest no Porto.

When she took part in the exhibition centred around the Roma Publications project, at Culturgest, in 2006, the Swiss artist Batia Suter (born in 1965)



presented two works that captivated many visitors, both of them bearing the title of a vast project that she has been working on for several years, *Parallel Encyclopedia*: the first consisted of a video projection of roughly 900 photographic images collected from newspapers, subtly constructed through games of formal association that expanded the possible meanings of the images, inducing certain psychological states and inadvertently leading us to discover the strange amidst the familiar; the second was an extremely beautiful composition made with open books arranged in sequence in a long shelf, establishing a relationship between very diverse photographic images, sometimes with contrasting scales, drawn from the most diverse fields of reference – just like the voluminous book that she made

after this exhibition with the same title, a Warburgian montage, made, however, without any knowledge of the *Atlas Mnemosyne* project developed by the famous art historian Aby Warburg. If there is a common denominator in the work of Batia Suter, it is precisely her recurrent use of the photographic image. Previously the already mentioned body of works, and since the late 1990s, the artist made use of greatly enlarged photographic images to produce site-specific installations: she used these images to cover entire walls (or windows) of the exhibition spaces, exploring, in particular, *trompe l'oeil* effects and the relationship between the inside and the outside of those spaces. These two genealogies of her work feed the project that Batia Suter is currently conceiving for the space of Culturgest in Porto.

Sónia Almeida

To Be Abstract

Entrada gratuita
Curadoria: Bruno Marchand

A pintura de Sónia Almeida (Lisboa, 1978) situa-se no limiar entre a figuração e a abstracção. Pode dizer-se, inclusive, que a sua obra incorpora e procura transformar as premissas que marcaram a história da pintura abstracta, sem nunca se deixar imergir completamente nesta categoria. Compostas por velaturas de densidade variável - áreas de cor que se sobrepõem a fundos com os quais estabelecem jogos de contraste - estas pinturas nascem de uma peculiar relação da artista com o potencial pictórico das imagens e dos objectos que fazem parte do seu quotidiano. Estes elementos, inicialmente registados em cadernos de esboço, são depois estilizados, reenquadrados e conjugados, criando composições que frustram qualquer tentativa de os organizar em sistemas de signos inteligíveis. Transpostos para a tela em gestos fluidos e matizados numa paleta de cores singular, todos os referentes se dissolvem na pintura, revelando-a como um campo de teste para a tensão entre a experiência sensível e a ambiguidade perceptiva.

Sónia Almeida licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (2001) e completou o MFA da Slade School of Art, em Londres (2006). De entre as suas exposições destacam-se a individual *Is this my painting?* (Galeria T293, Nápoles, 2005), e as colectivas *Through a Glass Darkly* (Kenny Schachter / ROVE, Londres, 2008), *Prémio Fidelidade Mundial Jovens Pintores* (Culturgest, Lisboa, 2007), *Printing Matters* (Witte de With, Roterdão, 2005). Foi bolseira do Arts and Humanities Research Council, Reino Unido (2005) e do Noord Brabant Fonds voor Beeldende Kunstenaars, Holanda (2003), e galardoada com o Slade Prize in Fine Art (2005).

The painting of Sónia Almeida (Lisbon, 1978) is situated on the threshold between figuration and abstraction. It can also be said that her work incorporates and seeks to transform the premises that have marked the history of abstract painting, without ever allowing itself to become completely immersed in this category. Composed of veils of variable density - areas of colour that are superimposed on backgrounds with which they establish games of contrast -

Black & White Mood, 2008 © Rodrigo Peixoto



these paintings are born from a peculiar relationship that the artist has developed with the pictorial potential of the images and objects that form part of her everyday life. Initially recorded in sketchbooks, they are subsequently stylised, reframed and joined together, creating compositions that thwart any attempt to organise them into systems of intelligible signs. Transposed to canvas in fluid gestures and produced in a unique palette of colours, all the referents dissolve into the painting, showing it as a test field for the tension between sensitive experience and the ambiguity of perception.

Sónia Almeida graduated in Painting at the Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (2001) and completed an MFA at the Slade School of Art, in London (2006). She presented a solo exhibi-

tion, *Is this my painting?* (Gallery T293, Napoli, 2005), and participated in several group exhibitions, including *Through a Glass Darkly* (Kenny Schachter / ROVE, London, 2008), *Prémio Fidelidade Mundial Jovens Pintores* (Culturgest, Lisbon, 2007), *Printing Matters* (Witte de With, Roterdão, 2005). She has also received scholarships from Noord Brabant Fonds voor Beeldende Kunstenaars, Netherlands (2003) and the Arts and Humanities Research Council, United Kingdom (2005), and was awarded the Slade Prize in Fine Arts (2005).

Rui Toscano

The Great Curve

Entrada gratuita
Curadoria: Bruno Marchand

Tendo iniciado o seu percurso expositivo em 1993, Rui Toscano (Lisboa, 1970) faz parte de uma geração que, de forma descomplexada e descomprometida, reequacionou a questão da influência da cultura popular na arte contemporânea. Afastando-se das premissas que animaram os movimentos internacionais dos anos de 1960, as primeiras obras deste artista incorporavam objectos muito específicos, como o rádio-gravador portátil, cujo estatuto icónico servia uma eficaz e desconcertante articulação do universo da música com um conjunto de referências da história da arte dos últimos cinquenta anos. Nestes projectos iniciais, as heranças do minimalismo, da abstracção ou da arte conceptual eram parte integrante de um léxico artístico

mais abrangente, no interior do qual Rui Toscano promovia confrontos, mais do que continuidades semânticas, e formulava ironias, mais do que revisões críticas.

Nos últimos anos, a sua obra tem dedicado uma sistemática atenção à paisagem e às condições da sua percepção e representação, recorrendo, entre outras, a estratégias de fragmentação ou à exploração do espaço dúbio entre a imagem fixa e a imagem em movimento. Em *The Great Curve* mantém-se a tônica na paisagem, mas, desta feita, transposta para o domínio do espaço sideral. A vivência eminentemente especulativa do Universo e a sua possível tradução fenomenológica estão na base da exposição que este artista projectou para os espaços do Chiado 8.

Having first begun to exhibit in 1993, Rui Toscano (Lisbon, 1970) is part of a

The Right Stuff, 2008-09



generation that, in an uninhibited and uncompromised fashion, was able to re-examine the question of the influence of popular culture on contemporary art. Remaining at a distance from the different premises underpinning the international movements of the 1960s, the artist's early works incorporated very specific objects, such as the portable radio cassette player, whose iconic status helped to establish an effective and disconcerting link between the universe of music and a series of references from art history over the last fifty years. In these initial projects, the legacies of minimalism, abstraction or conceptual art formed an integral part of a more comprehensive artistic lexicon, within which Rui Toscano promoted confrontations rather than semantic continuities, and formulated ironies rather than critical revisions.

In recent years, his work has devoted systematic attention to the landscape and the conditions of its perception and representation, resorting, amongst other strategies, to fragmentation or the exploration of the dubious space between the still and the moving image. In *The Great Curve*, this same emphasis upon the landscape has been maintained, but, on this occasion, it has been transposed to the world of outer space. The eminently speculative experience of the Universe and its possible phenomenological translation form the basis of the exhibition that this artist has planned for Chiado 8.

EXPOSIÇÃO LOULÉ ATÉ 27 DE SETEMBRO

A Luz, por dentro

QUINTA DA FONTE DA PIPA, LOULÉ

Curadoria: João Silvério

Visitas guiadas Sábados, 21h00

Ateliers pedagógicos Sábados,

10h00-12h30

Marcação obrigatória · Tel. 289 400 880,
926 605 448

Quinta da Fonte da Pipa,

Av. do Parque das Cidades - Loulé

Tel. 289 400 880

Terça-feira a Domingo, das 15h às 23h

Sábado, das 10h às 23h

Entrada: 1,5€ · Entrada livre para
menores de 25 e maiores de 60 anos
(€5 Bilhete conjunto para o Convento de
Santo António, Mina Campina de Cima,
Quinta da Fonte da Pipa e Lagar das
Portas do Céu)

A exposição da Coleção da Caixa
Geral de Depósitos, *A Luz, por dentro*,
realizada na Quinta da Fonte da Pipa,
em Loulé, pretende traçar um itinerário
pontuado por um conjunto de obras
e intervenções de artistas portu-
gueses que revelam uma interrogação
sobre a actualidade do lugar e as suas
memórias.

Integrada no programa Art Algarve
2009, sob o tema "Tão Brilhante Como
o Sol", a exposição apresenta obras de
Luisa Cunha, Filipa César, José Pedro

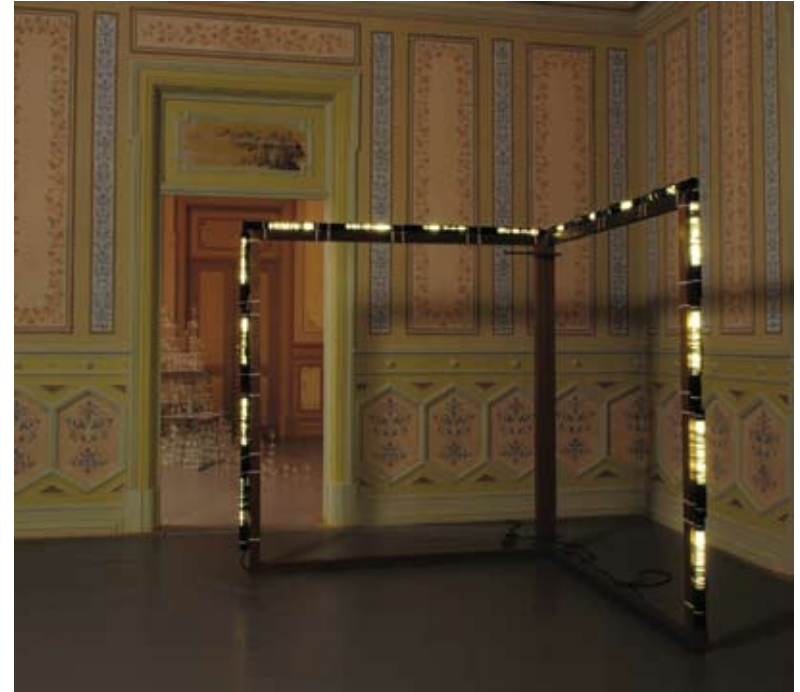
Croft, Armanda Duarte, João Paulo
Feliciano, Ricardo Jacinto, Jorge Queiroz,
Bruno Pacheco e Rui Toscano. Três dos
artistas representados na Coleção, Luisa
Cunha, José Pedro Croft e Armanda
Duarte, foram convidados a realizar pro-
jectos específicos para este espaço.

Esta exposição da Coleção foi
concebida tendo em especial atenção o
lugar e a sua relação com as obras dos
autores escolhidos. Não se pretende
apresentar um olhar panorâmico sobre
a Coleção, mas antes pensá-la como
um campo de possibilidades, em que
o contexto e o espaço potenciam uma
outra perspectiva sobre obras e artistas
nela representados.

O ART ALGARVE 2009 integra o
Programa de Eventos ALLGARVE'09,
uma iniciativa do Ministério da Economia
e Inovação e do Turismo de Portugal.

The Light, inside is an exhibition of the
Caixa Geral de Depósitos Collection
taking place at Quinta da Fonte
da Pipa, in Loulé. The show attempts to
draw an itinerary that highlights a group
of works and interventions by Portuguese
artists that question the present signifi-
cance of the place and its memories.

Forming part of the Art Algarve
2009 Programme, under the theme of
"As Bright As The Sun", the exhibition



presents works by Luisa Cunha, Filipa
César, José Pedro Croft, Armanda
Duarte, João Paulo Feliciano, Ricardo
Jacinto, Jorge Queiroz, Bruno Pacheco
and Rui Toscano. Three of the artists rep-
resented in the Collection, Luisa Cunha,
José Pedro Croft and Armanda Duarte,
were invited to produce site-specific
projects for this venue.

This presentation of the Collection was
conceived with special attention being
paid to the place and its relationship with
the works of the chosen artists. We do
not seek to present a panoramic view of
the Collection, but instead to see it as a

field of possibilities, in which the context
and the space help to foster another
perspective on the works and the artists
represented therein.

ART ALGARVE 2009 is part of the
ALLGARVE'09 Programme of Events,
created by the Ministry of Economy and
Innovation and Portugal National Tourism
Authority.

TURISMO DE PORTUGAL  algarve

ALLGARVE'09

AS BRIGHT
AS THE
SUN

 Loulé
concelho

EXPOSIÇÃO SINES DE 12 DE SETEMBRO A 31 DE OUTUBRO

De Malangatana a Pedro Cabrita Reis Colecção Caixa Geral de Depósitos

CENTRO DE ARTES DE SINES

Curadoria: Jürgen Bock

Centro de Artes de Sines
Rua Cândido dos Reis, 7520 Sines
Tel. 269 860 080
www.centrodeartesdesines.com.pt
Todos os dias das 14h00 às 20h00
Entrada livre

A Colecção Caixa Geral de Depósitos, criada no princípio dos anos 80, é uma coleção de arte ainda jovem. Revela, no entanto, em tom generoso, a natureza de coleções em permanente estado de reinvenção. As coleções são um organismo vivo, não só pelo ritmo das suas aquisições, confirmando uma ideia de arte e recusando outra, como também pelas suas sucessivas apresentações públicas. A Colecção Caixa Geral de Depósitos tem na sua história várias exposições realizadas com o contributo

de personalidades e respectivas perspectivas sobre arte contemporânea. Estas exposições têm procurado exprimir os interesses dos curadores convidados na articulação de obras e conceitos ao *status quo* desta coleção.

A Culturgest convidou o curador Jürgen Bock para este projecto itinerante, tendo em consideração a sua experiência, interesses e conceitos expositivos. Jürgen Bock entende esta tarefa, incorporando no seu trabalho o modo de apresentação das obras e da sua colocação nas arquiteturas que as acolhem.

As três instituições escolhidas para esta parceria, distribuídas pelo país, podem assumir-se como novos e importantes centros para a apresentação de arte contemporânea. Através de rigorosas escolhas expositivas e de um enquadramento crítico das obras seleccionadas, procura-se criar uma justaposição dinâmica das mesmas e

Tod Papageorge, Cactus, Tavira, Portugal, 1989



assim produzir uma apresentação capaz de oferecer e sugerir ao público novos envolvimentos com autores e obras já célebres, mas também com autores ainda por descobrir.

Created in the early 1980s, the Colecção Caixa Geral de Depósitos is constantly being reinvented. It has already featured in various exhibitions organised by different curators.

Culturgest invited curator Jürgen Bock to coordinate this itinerant exhibition for his experience, interests and conceptual views, which in this instance also translate into the choice to present the works within the context of their surrounding architecture.

The three institutions joining in this partnership can be looked at as new and important centres for the presentation of contemporary art. The rigorous and critical selection of the works provides a dynamic juxtaposition that not only offers new audiences to already famous artists, but also proposes others as yet undiscovered.



(és)Passos da Caixa

Visita performativa

Vários espaços do Edifício Sede da CGD
Até 27 de Setembro

Sexta-feira, 11 de Setembro, 18h15

Sábados, 12 e 26 de Setembro, 18h15

Para todas as idades, a partir dos 5 anos
Marcação prévia · €2 (preço único)

Ponto de encontro: bilheteira
da Culturgest

Também para escolas!

Outras datas disponíveis para grupos
a partir de 10 elementos.

Propomos uma visita guiada diferente destinada ao público em geral e especialmente num contexto familiar de final da tarde e fins-de-semana de Verão. A visita resulta num percurso sensorial onde um actor e uma bailarina serão os anfitriões desta grande casa e nos levarão

a descobrir a nova história deste lugar. Este encontro nasce da vontade, por parte do Serviço Educativo, de estreitar laços entre o Edifício Sede da CGD e os seus visitantes. Seleccionámos alguns dos espaços arquitectónicos, assim como algumas obras de arte neles presentes para revelar o carácter poético, mágico e secreto de um local com características funcionais muito específicas.

Onde antes existia a antiga Fábrica de Cerâmica Lusitana, palpitam agora novos segredos, imperceptíveis a um olhar menos atento...

Direcção e concepção Yola Pinto

Co-criação e performance Yola Pinto e José Mateus

Música original Pedro Moura *Apoio à produção e*

assistência na visita Susana Alves Figurinos Joana

Veiga *Agradecimentos* Pedro Alexandre, Portal

de S. Domingues, Benvinda Amado,

Fernando Teixeira, Nuno Cunha, Joana

Ratão, Valter Manhoso e Dr. Silva Gama

Dentro e fora da Caixa: enCaixa-te na Caixa!

Mala com jogos pedagógicos

Vários espaços do Edifício Sede da CGD
A partir de 15 de Outubro

Para todas as idades, a partir dos 5 anos

Visita livre · Requer acompanhamento
de um adulto · Entrada gratuita

Ponto de levantamento do jogo:
bilheteira da Culturgest

O Serviço Educativo preparou para si uma mala pedagógica para explorar de forma autónoma com os mais pequenos. Quando o Verão termina e os dias chuvosos começam a chegar, sabe tão bem estar entre portas com os amigos... Para que esses dias sejam mais felizes, recolhemos as nossas memórias favoritas da visita dançada de Verão (és)Passos da

Caixa e fizemos uma mala de pequenos desafios para jogar em família. Inspirámo-nos em várias das obras de arte que vivem no Edifício Sede da CGD e piscámos o olho a zonas secretas e mágicas deste gigante edifício que as acolhe tão suavemente. Deste processo criativo surgiu uma mala com um mapa, vários jogos de muitas pistas de leitura e de interpretação que prometem uma tarde divertida de descobertas e partilhas entre amigos de todas as idades! Venha requisitá-la junto da bilheteira!

Concepção Susana Alves *com o apoio de* Pietra Fraga e Raquel Ribeiro dos Santos

António Olaio Brrrain

Exposição · 24 Out – 23 Dez · Galeria 1

Para mais informações sobre António Olaio consulte a secção de exposições deste programa.

Actividades para adultos

Conversa com António Olaio e Miguel Wandschneider

Sábado, 14 de Novembro, 16h30

Visitas guiadas por Miguel Wandschneider

Sábados, 21 de Novembro
e 12 de Dezembro, 17h00

Visitas guiadas

Domingos, 8 de Novembro
e 6 de Dezembro, 17h30

Oficinas práticas para adultos

Marcação prévia · €5 (cada sessão)
Duração aprox. 2h30

Sílvia Moreira

Qua 4, Qui 5, Qua 11 e Qui 12
de Novembro, das 18h30 às 20h30

Venha participar numa oficina de *videoclips*, inspirada no universo insólito da obra do artista António Olaio e sob a sonoridade de uma das suas canções e letras. Com o acompanhamento da artista plástica Sílvia Moreira, os participantes integrarão uma actividade que será transversal às diferentes fases de produção de um teledisco: desde o guião às filmagens, da edição à projecção final.

Potato Farm, 1999



Destinado ao público adulto em geral, bem como a professores e educadores.

Sílvia Moreira licenciou-se em Artes Plásticas pela ESAD das Caldas da Rainha. A par da colaboração com vários serviços educativos de instituições culturais desenvolve também a sua actividade enquanto artista plástica.

[Quer realizar estas oficinas mas não tem disponibilidade para as datas divulgadas?](#)

Estamos a criar uma bolsa de interessados para organizar estas oficinas noutras datas. Contacte-nos!

[Para saber mais sobre estas oficinas...](#)

Visite o link do Serviço Educativo em www.culturgest.pt ou contacte-nos directamente!

Telefone: 21 761 90 78 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

PÚBLICO ESCOLAR Actividades para crianças

Visitas jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1º ciclo
Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h00

A minha mão está em transformação!
E outras histórias, por vezes, de assustar...

Pré-escolar

O nosso corpo está em constante mudança. Desde o acordar ao deitar, enquanto crescemos... Sem que nós nos apercebamos! Nesta visita jogo, vamos levar muito mais longe essas possibilidades de transformação e tudo será possível... É caso para perguntar: será que as minhas mãos estão a mudar? Pequenas histórias serão postas em cena para que, entre *suspense* e sorrisos, os meninos compreendam melhor os enigmas das obras de António Olaio.

H(á) luz dos sonhos

1º ciclo

Quando dormes, consegues ver a luz nos teus sonhos?
Neste exercício vamos trabalhar o corpo interior, exterior e as transformações que ele pode receber.
À luz das obras de António Olaio vamos olhar, ver e imaginar como poderíamos ser se nos inspirássemos nos sonhos e na criatividade. No final faremos um pequeno exercício prático.

Visita oficina

Ensino pré-escolar e 1º ciclo
€2,50 · Duração aprox. 2h00

Inclui a visita jogo

Visitas jogo que incluem uma oficina prática em sala própria.

Mala pedagógica

Pré-escolar e 1º ciclo

Temos uma mala pedagógica sobre esta exposição para poder explorar na sala de aula. Solicite-a por e-mail e venha levá-la na Culturgest.

Mala portátil

Gratuita mediante marcação de visita jogo à exposição.

Mala digital

Embora mais reduzida em conteúdo esta mala pedagógica está também disponível em formato digital. Solicite-a por e-mail.

PÚBLICO ESCOLAR Actividades para jovens e adultos

Visitas jogo à exposição

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h30

H(á) luz dos sonhos

2º ciclo

Quando dormes, consegues ver a luz nos teus sonhos?
Neste exercício vamos trabalhar o corpo interior, exterior e as transformações que ele pode receber.
À luz das obras de António Olaio vamos olhar, ver e imaginar como poderíamos ser se nos inspirássemos nos sonhos e na criatividade. No final faremos um pequeno exercício prático.

Broadcasting myself: eu em cena

3º ciclo e ensino secundário

A obra de António Olaio apresenta um universo insólito e labiríntico, cheio de diferentes sentidos e significados. Ao longo da visita vamos privilegiar as suas *performances* e os seus *videoclips*. Inspirados nos truques de linguagem que o artista emprega. No final o grupo será convidado a realizar um exercício prático de ilustração.

Recomendamos que esta visita seja complementada pela oficina prática

onde os alunos poderão conceber uma *performance* artística utilizando um *Karaoke*.

Visita oficina

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

€2,50 · Duração aprox. 2h00

Inclui a visita jogo

Visitas jogo que incluem uma oficina prática em sala própria.

Visitas guiadas ao ensino superior

Marcação prévia · €0,50

Duração aprox. 1h30

É professor?

Visite o link do Serviço Educativo em www.culturgest.pt e consulte o caderno do professor 2009-2010.

Der Schlamm von Branst, 2008



Jos de Gruyter e Harald Thys

Exposição · 24 Out – 23 Dez · Galeria 2

Para mais informações sobre Jos de Gruyter e Harald Thys consulte a secção de exposições deste programa.

Actividades para adultos

Conversa com Jos de Gruyter, Harald Thys e Miguel Wandschneider

Sábado, 24 de Outubro, 16h30

Visitas guiadas por Miguel Wandschneider

Sábados, 7 de Novembro e 19 de Dezembro, 16h30

Visitas guiadas

Domingos, 8 de Novembro e 6 de Dezembro, 17h30

Oficinas práticas para adultos

Marcação prévia · €5 (cada sessão)
Duração aprox. 2h30

José Mateus e Susana Alves

Sábados, 14 e 21 de Novembro, das 15h00 às 17h30; Quintas-feiras, 3 e 10 de Dezembro, das 18h30 às 20h30

As oficinas de expressão dramática para adultos têm como inspiração a exposição patente na Galeria 2. Esta mostra passa pela apresentação de vídeos e objectos que inspiram um invulgar universo de estranheza e familiaridade, onde a curiosidade, o ridículo e o trágico andam de mãos dadas e são os pilares dos sonhos e dos medos.

Na oficina serão explorados jogos dramáticos com diferentes adereços, os significados de ditados e histórias populares e pessoais, e os seus múltiplos sentidos, aplicados a alguns dos traços culturais que nos definem e codificam desde a mais tenra idade.

Os trabalhos elaborados passarão pela composição dramática de personagens, de cenários, de processos comunicacionais, de estudos de enquadramento e de construção de imagens.

José Mateus licenciou-se em Arquitectura de Interiores e fez formação na área da Commedia dell'arte. Desde 2008 faz parte da direcção da Gato que Ladra.

Susana Alves licenciou-se em Psicologia Educacional e fez formação em Educação pela Arte e Pedagogia da Dança. Faz parte da equipa do Serviço Educativo desde 2005.

[Quer realizar estas oficinas mas não tem disponibilidade para as datas divulgadas?](#)

Estamos a criar uma bolsa de interessados para organizar estas oficinas noutras datas. Contacte-nos!

[Para saber mais sobre estas oficinas...](#)

Visite o link do Serviço Educativo

em www.culturgest.pt ou contacte-nos directamente!

Telefone: 21 761 90 78 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

PÚBLICO ESCOLAR

Actividades para crianças

Visitas jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1º ciclo

Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h00

Monstros de estimação

Pré-escolar

Já imaginaste como seria ter um monstro de estimação? Como é que ele seria?

Se ele tivesse medo dos adultos como tomarias conta dele? Que nome teria e qual seria a sua história?

Na Galeria 2 há obras de arte onde, com muita atenção e poder de observação, poderás descobrir alguns monstros de estimação. Sabes dizer-nos quais são?

Fábulas inventadas e histórias mal contadas

1º ciclo

Na Galeria 2, vídeos de estranhas personagens encontrarás... Num jogo de descoberta e tendo alguns objectos como pistas, propomos-te que encontres o fio à meada de cada vídeo e nos contes, bem contado, o final de cada história. Aceitas o desafio?

Recomendamos que esta visita seja complementada pela oficina prática onde os alunos poderão experimentar algumas das técnicas de expressão dramática, bem como do enquadramento em vídeo e composição no espaço.

Visita oficina

1º ciclo

€2,50 · Duração aprox. 2h00

Inclui a visita jogo

Visitas jogo que incluem uma oficina prática em sala própria.

PÚBLICO ESCOLAR

Actividades para jovens e adultos

Visita jogo à exposição

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h30

Paisagens interiores

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Nos vídeos destes dois artistas belgas as personagens, os objectos e o espaço são sempre confinados a um espaço interior cúbico. Universos e personagens insólitos e enigmáticos, de alguma estranheza e apatia, preenchem estas projecções carregadas de diferentes e variados sentidos. Propomos uma visita jogo onde a discussão orientada permita compreender este universo artístico tão complexo e incomum.

Recomendamos que esta visita seja complementada pela oficina prática onde os alunos poderão experimentar algumas das técnicas de expressão dramática, bem como do enquadramento em vídeo e composição no espaço em tempo real.

Visita oficina

**Paisagens interiores:
encena os teus medos**

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

€2,50 · Duração aprox. 2h00

Inclui a visita jogo

Visita jogo que inclui uma oficina prática em sala própria.

Visitas guiadas ao ensino superior

Marcação prévia · €0,50

Duração aprox. 1h30

É professor?

Visite o link do Serviço Educativo em www.culturgest.pt e consulte o caderno do professor 2009-2010.

Bruno Pacheco Ainda Não

Exposição · Até 26 de Setembro
Culturgest Porto

Para mais informações sobre Bruno Pacheco consulte a secção de exposições deste programa.

A pot of gold at the end of the rainbow, 2008-09



Batia Suter

Exposição · De 30 Out a 9 Jan 2010
Culturgest Porto

Para mais informações sobre Batia Suter consulte a secção de exposições deste programa.

Páginas de Parallel Encyclopedia (Roma Publications, 2007)



**Visitas guiadas a grupos escolares
e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)**

De segunda a sexta-feira. Duração: 1h00
Acesso gratuito mediante marcação prévia de 8 dias.

Público-alvo: Todos os níveis de ensino (do pré-escolar ao superior).

Orientação Cristina Regadas e Isabel Ribeiro

Inscrições e informações

Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt



OUTRAS ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS

Celebra o teu dia de anos com arte

Sala própria · Galerias 1 e 2

Dos 5 aos 12 anos · Marcação prévia

€150 (por grupo) · Para grupos organizados (mínimo 10, máximo 20 crianças) · Duração aprox. 2h30

Dentro da galeria de arte e com expressões artísticas variadas realiza uma oficina prática e torna a tua festa de anos num encontro inesquecível para todos.

Contacte-nos e consulte as actividades disponíveis para a data pretendida.

Sábados à tarde: O ar dos artistas

Oficinas práticas · Dos 7 aos 12 anos

Marcação prévia

€15 (4 sessões) / €5 (por sessão)

Convidámos vários artistas para, aos sábados à tarde, ajudarem os meninos a olhar de uma outra forma e a formar um novo olhar a partir das exposições patentes nas nossas galerias de arte.

Sábados em Outubro

17, 24 e 31 de Outubro das 15h às 17h30

Estas três oficinas têm como inspiração a exposição patente na Galeria 2.

Vamos jogar com a expressão dramática, com a introspecção e com a invenção de uma comunicação e de uma linguagem! Que personagem somos? Que universos interiores temos? Que língua falamos? Precisamos de palavras? Os objectos são importantes para nos caracterizar? Vamos também poder construir e fotografar num cenário muito próprio inspirado no que iremos ver na exposição. **Concepção e orientação** José Mateus e Susana Alves

Sábados em Novembro

7, 14 e 21 de Novembro

das 15h às 17h30

Estas três oficinas têm como inspiração a exposição patente na Galeria 1.

Vamos jogar com a expressão plástica e com o vídeo! Para isso vamos inspirar-nos nos *videoclips* de António Olaio.

Concepção e orientação Sílvia Moreira

FÉRIAS DO NATAL NA CULTURGEST

Actividades para inscrições individuais

De 21 a 23 de Dezembro

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos

Das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30

Oficinas de 3 sessões · €28

Desconto de 30% aos colaboradores da Caixa Geral de Depósitos e na inscrição do segundo filho.

Almoço disponível para os meninos inscritos o dia inteiro nas oficinas.

Preço não incluído no valor das oficinas.

A partir de 15 de Outubro consulte o link do Serviço Educativo e veja as propostas que agendámos para esta temporada! www.culturgest.pt/actual/se_natal.html

Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Alice Neiva
Ana Gonçalves
Ana Rita Teodoro
Carmo Rolo
Crescer Teatrando
Diana Ramalho
Gonçalo Ferreira (estagiário)
Irina Raimundo
Isabel Gomes
Joana Batel
Joana Martins
Joana Ratão
José Mateus
Mariana Lemos
Mariana Ratão
Marília Pasqual
Miguel Horta
Nuno Palha
Pietra Fraga (assistente de produção)
Raquel Ribeiro Santos (coordenadora)
Ruy Malheiro
Simão Costa
Susana Alves
Yola Pinto

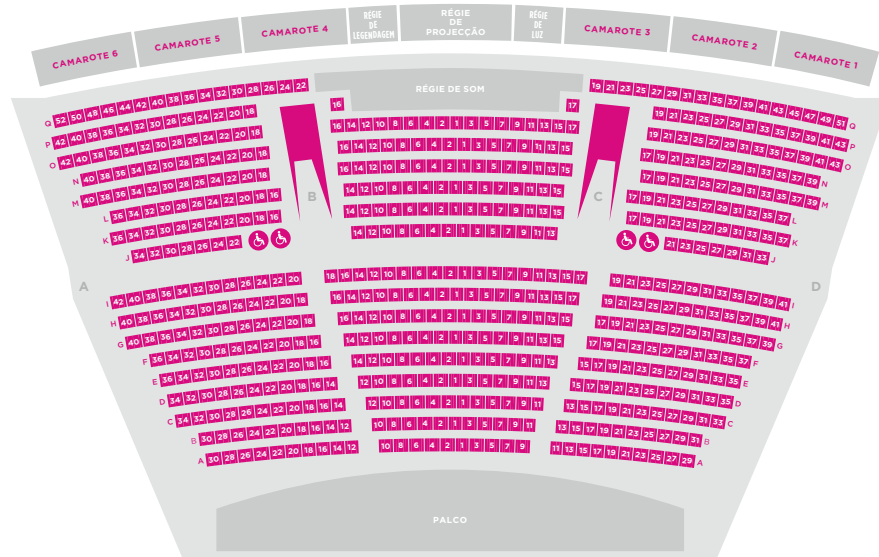
INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES

Tel. 21 761 90 78 (10h-12h30 / 14h-17h30)

Fax 21 848 39 03

culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Grande Auditório



GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 13h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h. Em dias de espectáculo até à hora de início do mesmo.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições patentes.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espectáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espectáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis.

As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

40% a titulares dos cartões

Caixautomática Universidade / Politécnico, ISIC (International Student Identity Card) e ITIC (International Teacher Identity Card); titulares do cartão Caixa Fã que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).

Entrada gratuita a titulares do cartão ICOM e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões Caixagold e Visabeira Exclusive que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).

40% a titulares dos cartões

Caixautomática Universidade / Politécnico, ISIC (International Student Identity Card) e ITIC (International Teacher Identity Card); titulares do cartão Caixa Fã que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).

50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.
Preço único sem descontos.

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30. Sábados, Domingos e Feriados, das 14h às 20h. Nos dias de espectáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede
da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;
Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83,
90, 91, 727, 732 e 738;
Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;
Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Av. dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins-de-semana e feriados
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Bilhetes à venda
Culturgest, Worten, Fnac, Bliss,
Lojas Viagens Abreu, Livrarias Bulhosa
(Oeiras Parque e C.C. Cidade do Porto),
C.C. Dolce Vita, MegaRede
e www.ticketline.sapo.pt
Reservas Ticketline: 707 234 234
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Os portadores de bilhetes para os espectáculos ou de convites para as inaugurações têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos. Nos dias úteis só é permitido o acesso ao parque para espectáculos que se realizem depois das 18h00.

Programa sujeito a alterações.

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

ALUGUER DE ESPAÇOS NO CENTRO DA CIDADE

AUDITÓRIOS · SALAS · ASSISTÊNCIA TÉCNICA · HOSPEDEIRAS

Informações 21 790 54 54

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

APOIOS



Apoio na divulgação:



